ESTEVE AQUI ONTEM À NOITE !

AUTORES: ***JUACIR DOS SANTOS ALVES (J.JOTA)*** **&**

JOSÉ FELICIANO DELFINO FILHO (ZEZO)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR FORÇA DO REGISTRO NO EDA/FBN - ESCRITÓRIO DE DIREITOS AUTORAIS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO/RJ.

<u>John Lennon esteve aqui ontem à noite.</u>

AUTORES: *<u>Juacir dos Santos Alves (Jota)</u>*

<u>José Feliciano (Zé).</u> **<u>(iniciado em 25/09/03)</u>**

"**JOHN LENNON ESTEVE AQUI ONTEM À NOITE",** nasceu de uma brincadeira. Numa conversa disse a um amigo: -Cara, eu precisava fazer alguma coisa que mudasse realmente a minha vida estúpida. Alguma coisa incrível, algo como: John Lennon aparecer lá em casa dia desses. Ele pensou um pouco e emendou: -Mas não pode ser aquele John Lennon, tem que ser o" "nosso" John Lennon. Foi assim que surgiu esse personagem. O "nosso John Lennon" é um alter-ego. Um sujeito de uns trinta e poucos anos, ou mais ou menos, quem sabe? que POR NÃO TER MAIS IDENTIDADE NESSE MUNDO, assumiu uma emprestada. De tanto passar a vida "consumindo" ídolos, resolveu apropriar-se daquilo que se apropriara dele durante toda a sua vida medíocre . "John" é um maluco. É um mosaico de personalidades, de conceitos, de lugares comuns, <u>de gente comum</u>, que não podendo ser nada, sobrevive nos seus ídolos. Veste-se. Fala. Vive como uma outra pessoa, alguém que, ele imagina, "fez o que queria da vida" e simplesmente não se submeteu a "ela". Esse é "John". Estão apresentados. E, como diria John Lennon : **IMAGINE!**

Jota e Zé/ Zé e Jota. E "John".

“O que não é vida é literatura”.

José Saramago – Nobel de literatura.

“Eu tenho um grande medo desse negócio de ser normal".

John Lennon.

“Não tem f-d-p em lugar nenhum que saiba o que vai fazer sucesso”.

Ray Charles.

<u>John Lennon esteve aqui ontem à noite...</u>

O material que está sendo apresentado neste livro, corresponde a uma grande quantidade de papéis encontrados sobre a mesa de uma pastelaria. Não houve possibilidade de saber a sua verdadeira origem. Os fatos e as pessoas aqui descritas, podem ser verdadeiros como, o mais provável, totalmente fictícios. Não há como saber. A estranheza do conteúdo e o seu abandono (proposital?), num barzinho da cidade, nos fizeram, transformar em livro tão estranho relacionamento.Embora se trate de um triângulo, nada tem de amoroso. É, antes de tudo, o relato, quase diário, de um curioso personagem de nome John, que embora afirme ser o cantor e compositor inglês, em nada, com aquele, guarda semelhança. Por ser tão incrível, não ousamos interpretar o que os escritos contêm, deixando ao leitor a tarefa de acreditar, ou não, no que aqui se relata.

O editor.

PRÓLOGO

A quem possa interessar**:

A quem encontrar estas páginas, sujas de mijo, cuspe, lágrimas e gordura de pastel, pedimos, ou melhor, rogamos, que as destrua.Não queira, seja quem for, sob nenhuma circunstância, ler uma só palavra deste, digamos diários, sob pena de arrepender-se para sempre de ato tão impensado. Se não o fizemos, destruindo-o com as próprias mãos, ou atirando-o às chamas ou quem sabe ainda, jogando-o na privada, seu mais apropriado destino, foi tão somente porque não pudemos.Fomos fracos desde o inicio, como atestará, quem tiver a coragem de ler. Acredite, mesmo agora, depois de tudo e de tanto tempo, nossas mãos ainda tremem ao levar a bebida aos lábios rachados, os cigarros escapam à boca e nossos sovacos ainda ficam úmidos.As páginas que se seguem, estão cheias de marcas.Impressões. Estranhas digitais, gravadas à meleca de nariz, molho de catchup e restos de almoço, por alguma coisa entre um ser humano e um animal.Todo este material contém suor, sangue e peidos que, em conseqüência destes últimos, nos levaram várias vezes às lágrimas.Um ser que atravessou, ou seria melhor afirmar, atropelou, ou ainda, atingiu nossas vidas, deixando tão somente escombros. Durante um tempo que não podemos precisar com exatidão, tão turvada esteve nossa mente, convivemos com uma pessoa a quem a definição: "Estranha" é o mínimo que se pode dizer.Tudo que dele se ouviu ou se soube, tentamos relatar nestas poucas páginas. Sabemos que não é muito para uma personalidade tão diversificada, mas será por certo o suficiente para justificar nosso ato.Não reproduzimos aqui parte de nossos dias com tal energúmeno para outro fim, que não acautelar o mundo sobre os loucos que andam à solta e os idiotas que os seguem. John era o louco.Nós os idiotas. Quando tudo começou? Já o dissemos: não há como saber.Mas como terminou, sim.(Se é que terminou.).Seu nome? John.E tudo, ainda que pareça o contrário, resultou de uma amizade de anos, uma amizade banal entre três pessoas, como ocorre a toda hora, em qualquer lugar, bem simples assim.John acreditava que era o que não era, e nos convenceu que não era o que era, sendo e não sendo ao mesmo tempo o que era, mas afirmando ser, o que não era, enquanto dizia ser outro, não o era, simultaneamente, bem simples assim... Acreditando ser uma determinada pessoa, se comportava como se fosse outra, de tal modo, acabando por tornar-se uma pessoa diferente da primeira pessoa, tanto que ao tentar ser igual aquela pessoa, resultou numa pessoa totalmente diferente da primeira, bem simples assim...John estava sempre onde não deveria estar e ausente

onde estava, para fazer-se presente onde ninguém o esperava, porém, estando sempre ali, ainda que ausente, fazia-se presente, na ausência, bem simples assim...John costumava falar, sem conseguir dizer muita coisa, mas falava e, ainda que sem sentido, punha sentido no que dizia, porque falar não tinha sentido se era dito sem dizer, com certo sentido, sem sentido ele dava sentido ao que nunca teve nenhum sentido, bem simples assim...John não queria nada, pedindo tudo, por não possuir nada, era possuidor de tudo, não tendo nada, e cada vez mais juntando nada de tudo, no final descobriu que nada tinha, senão o que considerava, tudo, bem simples assim... Agora que nossas mentes estão livres, que aos poucos recobramos a consciência, pudemos nos entregar a descrever John.E por seguinte, nos redimir nestas páginas.E se John era uma pessoa, que não aceitava ser tratada como a pessoa que era, mas a que deseja ser, porque nunca se considerou a pessoa que era, mas outra completamente diferente, então não será, ao leitor, difícil considerar que a nossa ação, também não foi contra quem foi, mas contra um outro que pensava ser o que não era, mesmo tendo sido, bem simples assim....Se por acaso, alguém que tenha dado com estes escritos, ainda esteja aqui a ler, acautele-se, pois pode estar a caminho de tornar-se mais um idiota.Ademais o pastel daqui é um horror.Os idiotas, Jota e Zé. Tudo começou assim...

**N.E.: Os papéis retro citados foram encontrados numa pastelaria de baixo nível e sem nenhuma variedade no cardápio, embora o pastel de queijo seja até razoável.

1. A MORTE DO MITO...E VICE-VERSA.

Como tudo aconteceu? não podemos precisar com segurança. Só há que dizer que chegamos ao limite do corpo. Chegamos até onde a lucidez permitia, depois tudo passa para um mundo indefinido, das alucinações, dos delírios e das impossibilidades.Nossas vidas haviam se tornado um inferno. A cada argumentação, John lançava sobre nós as maiores e as mais escabrosas lógicas, argumentações tão absurdas que tínhamos que aceitar ou então, o que era mais viável, enlouquecer.Como um parasita em nossos cérebros, ele foi aos poucos nos privando de nossas próprias idéias, até que não podíamos pensar sozinhos.John, um espírito errante, que se apossou de nossas almas e da nossa vontade. E como tal, precisava ser exorcizado.Foi pensando assim que, depois de chegar ao fundo do poço, de pensar em suicídio, em dar cabo da minha própria vida, convenci o Zé, que era tão vítima quanto eu do John e que já tinha até se despedido do mundo, de que nós poderíamos tomar uma atitude digna, corajosa e definitiva.E marcamos um encontro.Esse nosso encontro aconteceu num barzinho da zona leste. Escolhido ao acaso e, propositalmente, longe de nossas reais moradias, ou melhor, ex-moradias, pois não queríamos ser vistos juntos. Metido em grosso capote e usando um chapéu de meu avô, entrei no bar me sentindo ridículo. Uma figura caricata de detetive, daqueles gibis antigos.Apesar do meu estado de ânimo, tive que me conter para não rir ao ver o quão pior estava disfarçado, meu amigo Zé.Metido num disfarce de chinês, com os olhos artificialmente puxados, a ponto de deformar sua cara, dois enormes dentes brancos saltando fora da boca, dentes que as crianças usam para imitar coelhos, e uma cabeleira negra de nylon até os ombros.

-*Posso me sentar?* Eu perguntei, mantendo o nosso já combinado plano de fingirmos um encontro casual.

-*Poi favoi honolável, senhor, antes polém, quei-la dar a senha?* Zé me disse lutando para que o dente não pulasse fora da boca, foi ele que insistiu naquela idéia estúpida de senha. Cedi a contra gosto.

-*A ponte de Londres caiu!*Eu disse com enfado, a seguir me sentei. Ainda ajeitando o casaco, que era quatro números maiores que o meu, e o chapéu que me chegava ao nariz.

-E foi John que delubou! Completou Zé a contra-senha. Zé e seu sotaque em nada chinês. Ele estava lutando para me ver claramente, já que os olhos muitos puxados o estavam deixando quase cego. Até onde pude ver ele já tinha errado quatro vezes a boca ao tentar tomar uma caneca de chopp.Nesse momento uma

mosca começou a esvoaçar diante de nós e Zé lutava para apanha-la pondo tudo abaixo.-*Maloditos mosquitos, sensei*.

-*Sensei, é japonês*. Avisei ao Zé, mas ele estava por demais entretido em apanhar aquela mosca. Um garçom aproximou-se.Perguntei sobre sucos. Ele disse que tinha todos, mas, o mais natural era o de laranja.Detesto laranja, afirmei. Ele concordou, pedi Acerola.Ele trouxe laranja.Tomei. Com muita dificuldade já que o chapéu obstruía minha visão.

-*Calo amigo e honolavel Jota, o que nós vamos fazer como Jho...*

-*Shiu!*Fiz imediatamente,só esquecendo do canudinho que esguichou até a mesa ao lado.*Não fale nesse nome, você quer nos incriminar? Ficou louco? Daqui para frente diremos: Aquele que fede.*

-*Fode?* Perguntou Zé e achei que aquele disfarce estava afetando o cérebro dele.

-*Fede. Fede!Entendeu?* Ele fez que sim, movendo a cabeça à moda dos chineses, juntando as mãos diante do rosto.-*Teremos que fazer o que for melhor, você entende, Zé?* Completei, enquanto ele, balançando, e sem poder ver direito, metia a cabeça na mesa.

-*Sim, Buana*.Disse Zé, para minha irritação, enquanto tentava tomar uma sopa usando palitinhos, seu esforço era tal que suava muito.

-*Não podemos mais viver assim, Zé. Você compreende não? Aquele que Fede, nos transformou em escravos, acabou com nossas emoções, esvaziou nossos sentimentos, nossos pensamentos...*

-*Noshsos alimentos, nom...* Completou Zé.

-*Fodeu nossos apartamentos...*Eu disse já me alterando com as lembranças.

-*Fodeu nossos pagamentos, sam...*Disse Zé visivelmente abalado e tentando, como último recurso, sugar a sopa com o palitinho de madeira.

-*Temos que tomar a decisão agora, até trouxe as cópias de todos os e-mails trocados entre nós, pois isso é uma prova inconteste das loucuras do John, com ela podemos até interná-lo num manicômio, a menos que queiramos outra coisa, não é Zé?* Bati na mesa, foi o bastante, o garçom veio novamente, repetiu a pergunta e as respostas foram as mesmas. Pedi Abacaxi com mamão. Ele trouxe...,laraaaaaanja.

-Sim Rabi.*Essa "outrara" coisa me parece mais interessante!* Disse Zé, que já estava me deixando irritado com aquela confusão.

-Pois então, *há um lugar que ninguém vai, um lugar sujo, fedorento, um lugar perfeito para viciados e putas, você sabe do que estou falando*?

-Do seu apaltamento? ó glande Mulá alHedim! Disse-me um Zé quase roxo de tanto tentar aspirar a sopa com o palito.

-Estúpido! Gritei.O garçom pensou que era com ele, aproximou-se novamente. Disfarcei com uma nova conversa, dessa vez pedi cajamanga com leite, ele trouxe..., laranja.*-Matar!Zé, estou falando de matar Aquele que Fede!* (Sorvi rapidamente e com estardalhaço, aquele maldito suco de laranja que eu odeio.

*-Allhu Akbar!Deus é Poderoso!*Gritou em bom árabe, meu amigo Zé.Os demais fregueses fizeram uma careta de dúvida.-*Finarlmente. Eu pensei que a senhor no ia falei sobre isso nunca, e o sopa está holível.*
-Acho que temos que ir.Combinei com Aquele que Fede, nesse lugar que lhe falei.

-*Oh!Oh! sim,sim,mio signore*.Bona sera, bona sera. Disse Zé, se despedindo dos atônitos fregueses.Levantou-se e trombou com um sujeito, era o garçom que se aproximava. Depois de alguma conversa, pedi carambola com lima, ele me trouxe...,laranja. Saímos.Pude observar ainda na porta, quando um sujeito sentava em nossa mesa e perguntava ao garçom sobre os sucos da casa.Talvez um dia eu retorne, apenas para matar aquele garçom, com sucos de laranja, natural, se outro não o fizer antes.Esta é a última memória clara que me restou daquela noite, essa e a do Zé tentando limpar os dentes com aqueles palitos enormes e entalando um deles na garganta...

Parte 2– O Nascimento do Mito...e vice-versa.

A primeira coisa da qual me lembro foi o e-mail que recebi do Zé, aliás nunca mais o esqueci, digo, do e-mail, pois do Zé, nunca mais tive notícia.
Se a memória não me falta, como atualmente tudo me falta, começava assim:
"Caro Jota, estou mandando essa mensagem para, inicialmente, parabenizá-lo pela aquisição de seu novo computador e, para lhe dizer que, depois de muito tempo, **John Lennon esteve aqui ontem à noite**...Parecia meio estranho e ficou ainda mais, quando lhe perguntei a razão e ele me disse que havia brigado com Paul, como você bem sabe esse é o nome daquele cachorro de raça indefinida que ele tem. A conversa se deu de modo

estranho e eu reproduzo aqui abaixo alguns trechos pelo tanto que me preocuparam:
John: *Alô, Zé*?
Disse-me John, pedindo para entrar, depois de discutir com o porteiro do prédio que lhe disse as horas. Eu pude vê-lo pela micro-câmera interna, ele parecia bem mais abatido do que de costume.
Zé: -*Você sabe que horas são John?* Gritei apertando o botão do interfone.
John: -*Como Vou saber? não tenho relógio, e nem nunca tive. Posso subir?* Foi só o que eu o ouvi dizer com sua voz metalizada pelo aparelho.
Abri a porta do apartamento um instante depois, vencido pela insistência de John. Ainda me encolhendo no meu roupão roto e usando pantufas velhas, que minha mãe me deu, fui abrir a porta. Ele me olhou, e parado na porta, com os cabelos escorridos ao lado do rosto e os óculos de lentes embaçados, fez o sinal de "paz e amor" a moda dele, que é erguendo somente o terceiro dedo de uma das mãos, o "pai de todos" pra cima, você já pode imaginar, então ele disse:-
"Zé,*você está manêro nessa roupa. Vai a alguma festa black.tie? Posso entrar?".*
Ele me falou enquanto jogava a bituca do cigarro no corredor.John sabe que eu deixei de fumar faz tempo, cuidei logo de catar a bituca e enfiar no cinzeiro de areia, com medo que algum vizinho visse. Tenho séria suspeita que aquele nem era um cigarro normal , se é que você entende.
John me disse que não estava se sentindo muito bem naquela noite, talvez tentando minimizar a minha expressão, pois eu devia estar péssimo também. Minha cara era de quem foi arrancado no meio da noite, de um bom sono, muito a contra gosto. Não disfarcei minha insatisfação, não me sentia com vontade de ser agradável naquela hora com ninguém. Muito menos com John. Ele me disse que sentia uma forte pressão na barriga. Perguntei se não eram suas calças jeans muito justas quatro números menores. Tão apertadas que os dedos dos seus pés, metidos numa sandália de borracha estavam inchados e com uma cor azulada. Ele apenas me olhou com um brilho estranho nos olhos mas e se recusou a responder.Foi até a poltrona e esparramando-se. Senti logo que aquela seria uma longa noite, você conhece o John. Acredito que tenha me odiado. Dane-se, eu estava mesmo muito cansado e com sono. Fui logo perguntado a razão daquela visita e ele me disse:
- "*Briguei com a Ioko. Brigamos e ela me pôs pra fora*".
- "*Como?*".Perguntei sabendo que Ioko não poderia pôr ninguém para fora pois, os dois já vivem num beco da cidade. Ele estava desconfiado. Falou vagamente sobre ter sido traído por alguém muito próximo.Disse finalmente que Ioko (Ioko "O Uno", como nós a chamávamos, por causa da barba das pernas sempre por fazer), a traíra. Mas, tudo era muito confuso ou eu estava mesmo com muito sono. Ele me pareceu assustador quando disse que estivera com o Phil Collins, você sabe aquele "negão" que vende cachorro quente no parque do Ibirapuera. Disse que conversaram muito e ele tinha tomado uma

decisão.Interrompi.E pedi que ele parasse com essa mania de chamar a Verinha "Meia-Boca" de Yoko Ono, afinal ela nem era japonesa. "Mas o pai dela é verdureiro no CEASA." Ele me dissera certa vez. Seja como for ele não me deu atenção. Disse que George o havia traído com ela. E quando eu tentei argumentar, ele começou a cantarolar uma parte da melodia de "Help" com uma letra alterada, alguma coisa como:
-*"Zé eu e viiii, Zé eu vi, eu vi, eu viiiiii. Yehhh!"*
Caro Jota eu não o incomodaria se não estivesse preocupado. Enquanto ele se meteu no banheiro aproveito para escrever esta mensagem. Aliás, esta foi a minha outra preocupação, pois John é avesso a banhos e ele está com o chuveiro aberto faz um tempão. Seja como for o John me disse que pretende ser assassinado em frente ao Edifico Dakota em New York, se não for possível disse que serve o Cine Copam mesmo. E quando eu disse que ele estava ficando louco e que procurasse ajuda, ele me disse espantado, como se o maluco fosse eu:
- *"Imagine!".*
Depois quis saber se poderia tomar um banho, respondi que sim, lá de dentro me perguntou se poderia usar o shampoo com as orelhinhas do Mickey. Caro Jota acho que vou ter que desligar, ligo mais tarde, estou preocupado com a demora, ainda há pouco perguntei se ele precisava de alguma coisa, uma toalha, um condicionador, chinelos, qualquer coisa, só pra ver se ele estava bem e ele apenas disse:-*"Let it be".* Não sei não...
Abraço, Zé.

Caro Zé, agradeço os parabéns e aproveito para lhe dizer que sua preocupação procede. O John com essa mania de chegar de repente e tomar conta de tudo é mesmo um saco. Outro dia ele apareceu aqui em casa disfarçado de Mick Jagger. Pô, como ele pode baixar o nível assim? Mas, pude notar que suas mãos tremiam, talvez por causa da bebida, sim, porque quando ele bebe fica intragável... tragável é aquilo, se é que você me entende, que você fez bem em apagar no cinzeiro do seu prédio, antes que alguém denunciasse à polícia. O John chega sempre nas horas mais inesperadas, dessa vez foi na hora do almoço. Bem, ele se convidou pra almoçar comigo. Durante o almoço, que era frugal, aliás, mais que isso, era um rostbife ou resto-de-bife, que é como chamamos em casa o que sobra do almoço, que minha mulher me deixou na geladeira e foi pra casa da mãe, depois de mais uma daquelas discussões. Ainda bem, porque se ela visse o John em casa seria mais uma briga. Sim, porque além dela não ir com a cara dele, ela acha que ele vive sujo.Quando eu perguntei:- *John, há quanto tempo você não toma um banho?* Ele me respondeu:- *"Qualé Jota, nós vamos ter que falar dos meus traumas de infância logo agora?".* Se não bastasse isso, John não gosta de usar talheres à mesa, ás vezes nem a mesa e noutras vezes nem prato. Bem, tudo isso aconteceu sem que ele dissesse uma só palavra, talvez fosse pela fome tamanha. Ao final do seu farto banquete, sim porque à comida ele não fez ressalva, tive que lhe abrir um champanhe que eu guardava desde o natal de 1989. De súbito, ele me disse com aquela voz peculiar: *"Jota, eu não aguento mais ser*

massacrado pela mídia... perdi minha liberdade... minha individualidade... eu já não sou quem sou...aliás, nem sei se sou, eu prefiro morrer a continuar assim...quando é que eu vou ter paz?" E começou, entre soluços, a cantarolar:
-*"Give me a pice, a pice in the chenge"...E pra me ferrar mais ainda, a Yoko tá saindo com outro cara e até o Paul não divide mais as pulgas comigo.Pra mim é demais. Mas, eu não quero um suicídio, não. Quem sabe alguém atire em mim em frente ao Central Park e sob os olhares de todo o mundo eu caia mortinho da silva ali, aos pés do Ringo.*
Caro Zé, você conhece o Ringo não é? Sim, é aquele pipoqueiro da praça e ritmista da Escola de Samba Rosas de Ouro.Do jeito que ele descreveu a cena, juro, eu achei que o Ringo era aquele cowboy e ele John Wayne e os dois fossem duelar. Eu já conheço a ladainha, o John sempre briga com a Yoko, digo Verinha "meia-boca", e depois que ela o bota pra fora ele se refugia com os velhos companheiros de infância.John ficou me falando um tempão que amigo é coisa pra se guardar, tanto que até me convenceu a dormir no baú de roupas com a minha mulher, enquanto ele foi pra nossa cama. Bem, assim que conseguir pôr minha coluna no lugar volto a lhe escrever. Ai, ai, ai, minhas costas! Jota.

Caro Jota, foi bom você ter lembrado, John falou de você ontem à noite. Também descobri o porquê dos óculos dele estarem embaçados, foi o catchup do Phil Collins. Ele me perguntou se eu sabia o que você andava fazendo, disfarcei e disse que há muito tempo a gente não conversava. Ele me perguntou se você estava compondo, eu disse que sim. Foi o bastante, ele se desmanchou em lágrimas, depois começou a falar da nossa infância e dos nossos **"projetos"**. Disse que morria de saudades de Liverpool.Tentei interromper dizendo para ele parar de chamar Vila Carrão de Liverpool, mas ele não me deu ouvidos. Achei que ele não estava falando coisa com coisa.Perguntei há quanto tempo ele não via uma refeição decente.- "*iesterdei*". Foi só o que ele me disse. Depois desatou a chorar. Finalmente eu pedi que ele se abrisse comigo, afinal, minha noite de sono tinha ido para o espaço. Ele disse que não podia, estava muito fraco. Insisti para que ele aceitasse comer alguma coisa. Ele disse que não poderia aceitar pois, estava fazendo um voto de não comer carne por cinco anos. Quando eu disse que entendia, ele me disse:
-*Mas pizza eu posso.*
Eu disse:-*Ótimo.*
Enquanto eu ia ao telefone ele foi falando:
- "*Com duas cervejas, um sanduíche de atum sem maionese, amendoins, um pouco de shopsuy, grelhado de maçãs, um peixe na telha, algumas berinjelas ao forno e talvez um sushi, mas pouco, porque toda essa emoção me tirou a fome, Zé*".
Depois de comer tudo e ainda chupar uma dúzia de laranjas murchas que eu tinha na geladeira, pareceu disposto a falar.Repetiu que queria morrer em frente ao Edifício Dakota, atirado pelas costas. Disse-lhe, de novo, que aquilo era maluquice. Foi o bastante, ele desabou novamente em prantos.

Achei que a coisa era grave quando ele largou a torta de maçã pela metade.
- *"A Ioko me traiu*".Gritava. Pensei*: "Essa coisa já está me enchendo o saco".* Ouví-lo chamar a Verinha Meia-boca de Ioko Ono era demais. Disse-lhe que parasse com aquilo, e depois, a Verinha nem era japonesa. Aos prantos ele falou:
- "*Mas o pai dela teve tinturaria e tem os olhos puxados*".
-*Ele é vesgo John*! Eu disse. No fim, desisti. Caro Jota, tenho a impressão que a minha estória não colou e ele vai acabar por procurá-lo. Desconfio, porque ele me perguntou se eu tinha algum dinheiro. Eu respondi que não. Ele me disse *que "ainda bem"*, pois havia feito um voto de não tocar no dinheiro dos amigos. Respirei aliviado. E tornei a me preocupar quando, em seguida, ele disse que não haveria quebra de voto caso os amigos colocassem o dinheiro no bolso dele ou, ele usasse luvas. Finalmente insisti para que ele fosse dormir, ele tornou a argumentar que não poderia aceitar ficar na minha casa, porque estava fazendo um voto de dormir com o céu sobre a cabeça.
- "*Tudo bem*". Aceitando a argumentação, comecei a abrir a porta de saída para John.
- "*Mas, se a janela estiver aberta para o céu, eu posso tentar*". Ele disse. E foi para o meu quarto, pediu lençóis limpos, trocou a fronha do travesseiro, reclamou do colchão muito duro e atirou o despertador pela janela. Antes de bater a porta e me deixar dormindo na sala, pediu que eu não roncasse e não fizesse barulho de manhã ao me levantar. Também pediu que eu não me preocupasse pois, tão logo ele tomasse o café da manhã iria embora. Perguntou se eu tinha café descafeinado e leite desnatado em casa, pois está fazendo um voto pelos alimentos sem aditivos. Com o saco ainda mais cheio, gritei se ele não preferia tomar o café na cama. Ele aceitou! O que vamos fazer? Abraço, Zé.

Caro Zé, acho que isso tudo dá pra gente até relevar, mas o que me preocupa mais é tentar tirar da cabeça dele aquela idéia de ficar uma semana numa cama com a Verinha, ambos nus, em pêlo, sob a marquise do MASP. Aí vai ser demais. Vamos ter que tirá-lo da cadeia, não por atentado ao pudor,mas ao mau gosto. E pelo forte odor que certamente afetará toda a Av. Paulista, sem contar a multa do Ibama por estar pisando nas plantas e sujando um bem público (não sei se o Masp ou a própria Verinha). Eu já disse ao John que ele tem que cair na real, mas ele de imediato respondeu que da rainha ele não quer nada, tanto que já devolveu as medalhas de Cavaleiro do Reino Britânico, e há muito tempo. Disse ainda que quer conversar com o George depois que ele voltar da visita que está fazendo ao Ravi Shankar, na Índia. Você sabe bem, não é Zé? que o George é um aprendiz de pastor da Igreja Octogonal dos Últimos Serão Os Primeiros e Vice-Versa e que esse tal de Ravi é o seu *partner* nas pregações que ele faz nas praças públicas. Enquanto ele prega a palavra o Ravi passa o chapéu pra angariar o dízimo, que de tanto tirar dinheiro dos fiéis, passou a ser chamado de Ravi "Acharcar", daí a confusão na

cabeça delirante do John. Caro Zé, estou em ajudar o John...o que você acha da gente tentar reunir toda a turma e tentar achar uma solução? Vamos chamar o George, o Ringo, o Paul e até o George Martim, o surdo-mudo que faz palestras no clube da terceira idade, pra discutir o assunto? o que você acha? Abraço. Jota

Caro Jota, recebi sua última mensagem via e-mail. Peço desculpas desde já, pela minha secretária eletrônica, caso você tenha tentado ligar. Tive que tirá-la da tomada devido aos insistentes recados do John. Aliás, lamento que ele tenha conseguido encontrá-lo em casa e dado o prejuízo que imagino, deu. Fiz de tudo para esconder o seu endereço, mas, acho que ele andou vasculhando a minha agenda. Não quero desconfiar do John, porém, ele anda se comportando de modo tão estranho que tudo me passa pela cabeça, agora ele deu de fuçar à procura de coisas, parece até um cachorro quando começa a cantar "Tuistenchau,au,au,au!". Lamento. Acredite Jota, o que lhe aconteceu, não foi o pior. Outro dia cheguei tarde, cansado como sempre e pensando em ter que preparar um lanche, pois não havia comido nada durante todo o dia, exceto um saco de batatinhas, que eu ainda trazia comigo naquele momento. Estava em farrapos de tanto ficar tentando convencer as pessoas a comprar esses malditos livros de auto-ajuda que estou vendendo. Por pouco não devorei um deles, já seria de alguma ajuda. Desculpe estou divagando, seja como for entrei com o apartamento quase no escuro, exceto por um brilho de luz amarelada que vinha da sala. Acreditei ter deixado algum abajur ligado, pois ando com a cabeça meio confusa.Você não pode acreditar no meu susto, devo dizer que meu coração anda bom depois dessa, senão teria tido um troço. No meio da sala John estava deitado dentro de um caixão de defunto coberto de flores e, ao redor dele, velas acesas.Ao lado do caixão estava o Roderval, aquele negão da borracharia: "Rode bem com o Rode", que o John teima em chamar de Rod Stewart. Quando olhei para o John vi que todo o seu peito estava coberto de sangue. Pensei o pior, meu coração quase saiu pela boca. Eu fiquei pensando que deveria ter levado a sério as idéias do John e me culpei por sair de casa sem me preocupar com os amigos. Arrasado, cheguei próximo ao caixão, me amparei no Rode, que normalmente já é meio sonso, e perguntei:" *O que por Deus!aconteceu com ele Rode?".* Ele me olhou com aquele seu olhar de peixe morto e todo ramelado de fuligem de borracha e disse: -*"Nada".*
-*"Como nada?"* Gritei eu. -*"Chego na minha casa e acho um dos meus melhores amigos sendo velado na sala, todo ensangüentado, e você me diz que não houve nada!"* Eu estava transtornado, gesticulando e falando ao mesmo tempo. -*" Nós precisamos fazer alguma coisa, você não vê?".* Para o meu espanto, o John falou:-" Zé, *se você não vai comer mais, será que pode me passar essa batata frita?".* Eu cheguei a perder o fôlego com o susto, achei que ia desmaiar. John estava vivo, emocionado o abracei, apertei seus braços, me belisquei para ver se não era sonho. Então, me dei conta:-*"Que negócio é esse*

de: passa as batatas fritas?".Ele limitou-se a sentar no caixão e dizer calmamente que era para aproveitar o catchup. Foi só ai que eu vi que o Rode também estava sujo de "sangue". O Rode falou com aquela sua voz pastosa e abrindo um sorriso onde faltavam dois dentes na frente, de tanto "arrancar michilim", que faz sua fala sair assoviada:-"*Elesh não queria me paschar o cashtchup, nóshs brigamo e o vidro quebrou, foi uma puta shujeira...*". Eu não acreditava.-"*Vocês estão loucos. Querem me matar do coração?*".Eu gritei novamente.-"*Qualé Zé? a gente achou que essa era uma boa chance de eu treinar para o meu enterro*". Disse candidamente John deitando novamente no caixão,apoiando uma mão sob a cabeça e com a outra lambendo o catchup respingado na camisa. Pulei em cima dele e por pouco não o esganava ali mesmo. Sorte que o Rode me segurou.Gritei que ia matá-lo com as próprias mãos. E ele achou a idéia legal, só que me sugeriu fazer isso diante do Edifício Dakota no Central Park , com um revólver e, claro, pelas costas. O pior foi ter que convencer o Tina Turner, aquele travesti que faz ponto na esquina do meu prédio, a parar de cantar a "Ave Maria de Gounot", na porta do prédio, a pedido do John. Peguei minhas coisas e fui dormir no carro. Caro Jota você tem alguma idéia ou sabe o que está acontecendo? Se tiver por favor, me ajude que estou a ponto de fazer uma bobagem . Zé.

Parte 2 – Se Freud não explica, quem sabe o passado?

Prezado Zé, há pouco tempo que eu venho observando, talvez uns 30 anos, como funciona a mente do John, mas confesso, são poucos os meus neurônios que conseguem trabalhar e, com isso, a única coisa que me ocorreu foi buscar no passado, na nossa infância, as respostas para o John ser assim, quem sabe até uma solução.

Eu me lembro muito bem até hoje a primeira vez que vi o John. Foi na rua de casa. A gente estava formando o Liverpool Atlético Clube, time para competir no campeonato estudantil de futebol, e ele apareceu por lá. Tinha acabado de se mudar com a tia na nossa rua, naquele bairro de classe operária da cidade. Como sempre faltava o goleiro e um ponta-esquerda, resolvemos fazer um teste com o John, pra ser goleiro. Devíamos ter levado em conta a miopia dele. Só percebemos o porquê disso quando estávamos perdendo de dez a zero e o John posicionado no gol, mas virado de costas para o campo. Ele ficou com a disputada vaga de ponta, competiu com duas bolas de "capotão" e uma chuteira velha, e olha que a disputa foi apertada. Fomos pro campo lá da baixada. O treino mal começara e o John já tinha finalizado duas vezes, tinha dado um passe de gênio pro Tião Kelé e já começara a gritar com o time. Metade do time já tava de bronca com ele e a outra metade queria lhe dar porrada. Afinal, o cara mal chegou e já queria dar uma de técnico. O mais interessante é que o time contrário gostou muito do John, tanto que quando ele pegava a bola a torcida adversária aplaudia muito. Mas ele era bom de bola. No primeiro jogo, ganhamos do time do Manchester com dois gols...de quem? É isso mesmo, do John. Ele dominava o campo.

Nos tornamos grandes amigos. Claro que eu sempre era o amigo do John. Mas isso não me atrapalhava em nada, a não ser quando a gente ia nos bailinhos do bairro e ele era sempre o sucesso entre as meninas. Tinha gente que achava que ele ia ser profissional de futebol, mesmo que fosse como gandula. Mas a tia dele era contra, aliás, ela era contra tudo. Ela só queria que ele fosse um bom aluno e fizesse um curso superior, de preferência se formasse um professor de inglês, coisa que, aliás, ela nunca conseguiu ser, mas sim uma dedicada tecelã.Não fosse a maldita miopia familiar, sua tia não teria apertado, por descuido, aquele botão:"ALTA VOLTAGEM". Era a única mulher no país que quando ia virar para a esquerda dava seta. Diferente da irmã, a mãe de John, que sempre foi atrás do que queria. Aliás, uma vez correu três dias atrás de um trem, tanto que depois, ou antes (não sei bem) que separou do pai de John, fugiu com o circo, palhaço por palhaço, preferiu um de verdade. A tia era legal, mas não aceitava aquele jeito meio aventureiro de John, tanto que um dia quando ele fugia da polícia, disse: *"Não tem jeito, puxou à mãe!Corre atrás de tudo."* Acho que foi de tanto ela falar assim que o John resolveu aprender a tocar violão. Ia pra cima e pra baixo tocando violão. O futebol? Bem, de vez em quando ele aparecia. Mas tudo agora pra ele era música. Ele vivia dizendo: *"Eu quero ser que nem o Elvis".* Foi o John que me apresentou o Zoca como sendo bom de bateria, só que de cozinha. Zoca usava panela, frigideira, essas coisas, mas pra mim era péssimo de ritmo, a não ser pelo fato dele ser cozinheiro, digo, lavador de pratos, num restaurante que ficava na beira do rio Tietê, de onde ele aproveitava água para fazer a comida. Eu estava com o John um dia em que ele, ouvindo o apito do trem no exato instante em que um carro freava na rua pra não matar um cachorro, teve uma idéia brilhante. Era o som do trem, do carro e do cachorro ao mesmo tempo, Piuíiii, ahrhrhééé, aíaíaí. O John deu um salto e gritou: *ié, ié, ié, ié., pô isso é demais! Olha que som, cara!* ***O sonho acabou!*** *È isso, aí, não quero mais ser um craque de futebol, bola é muito mais difícil de afinar, acredite eu passei todos esses anos tentando. Definitivamente, esse sonho acabou, agora eu quero buscar outro sonho, eu quero é ter uma banda, fazer um som bem visceral, um rock, com uma batida assim que nem esse som : ié, ié, ié....!* Confesso, amigo Zé, eu caí de cara no chão. John já estava ficando doido. Pirou de vez. Como ser um astro do rock? Sair desse fim de mundo e ganhar o mundo com uma música baseada num trem, num carro e num cachorro. Minha cabeça não acompanhou esse raciocínio. John sumiu, só o vi uma semana depois. Ele tava voltando do Cavern Club, barzinho que fica perto da zona do baixo meretrício, que por coincidência fica na Vila "Penny Lane", bairro de classe média BB, diga-se, Bem Baixa ou seja, classe pobre, porque, na verdade, pobre não tem classe mesmo, sempre foi desclassificada desde aquela época.Ele começou a tocar lá até que foi *tocado* de lá. Êpa! Desculpe meu caro Zé, alguém tá tocando a campainha. Vou ver quem é e depois a gente se fala. Enquanto isso, se você encontrar o John, diga que eu mudei de endereço, telefone,

nome, ou melhor, que fui...fazer uma gravação na Apple, na Abbey Road, sei lá, diz que eu sumi do mapa.Abraços. Jota

Caro Jota, agora começa a fazer sentido toda essa estória do John, achei que ele queria ser médico, mas a miopia tornou-o muito mais um criador de pacientes do que um curador. Lembrei disso quando na escola ele tentou cortar uma cartolina ajudado por três outros garotos. Como foi mesmo que eles passaram a ser apelidados depois daquele dia...? Já sei! "Maneta de Almeida", "Não Coça Mais da Silva." e o "Não dou mais tchau de Aguiar".Eu confesso que não sabia desse passado um tanto sofrido e essa descoberta do que ele chamou de música, mas eu duvido, que algum dia tenha feito sucesso. Ouvi falar do "Carvern Club" (Aqui entre nós o "Clube das Couves", atrás do mercado municipal, mas se o John quer chamar assim...), soube que fechou depois que um sujeito tentou atropelar um cachorro lá dentro entrando com um ônibus, disseram que era música experimental e que a casa veio abaixo...,literalmente! Quanto ao futebol agora entendo porque ele dá tanto "ponta-pé" nas pessoas e tomou um belo "chute" da Ioko, desculpe, a Verinha. Até eu ando me confundindo. O John me põe maluco. A minha secretária eletrônica está rouca de tanto passar os recados dele. Acho que até já está se demitindo, pois outro dia, limitou-se a transmitir :-"É ele de novo, a mesma coisa de sempre. Que saco!". Você acredita nessa coisa de inteligência artificial? Deixa pra lá, acho que eu estou ficando louco.O que me preocupa mesmo no John é essa coisa de toda a noite aparecer lá em casa. Acredite **John Lennon esteve em casa ontem à noite.** Ele continua usando aquelas calças quatro números menores, que fazem suas pernas parecerem uma lingüiça em gomos e os dedos do pé ficarem roxos por falta de circulação.A mesma camiseta curta dos tempos do primário, deixando escapar a barriguinha de “segura copo” e o umbigo escuro de tanto bater cinza de cigarro. A camisa anda tão grudada no corpo que apareceram verrugas nas mangas e cresceram pêlos nas costas. E o cabelo? escorridos ao lado da cara,tão duros,que ele já se salvou de duas “balas perdidas” por causa deles. Quando olho para John só consigo ver seu nariz aquilino e seus óculos de aro. Ele apareceu ontem à noite como ia dizendo, trazia uma guitarra e disse que ia ensaiar, eu lhe disse que era impossível, tinha um vizinho doente que sofre de bronquite e não pára de tossir, ele achou ótimo e pediu que eu o convidasse para o backing vocal. Quando lhe disse que, se ele começasse a tocar, o sindico iria começar a bater na porta, ele disse: *Ótimo! então já temos uma batera*. Finalmente quando disse que a mulher do andar superior iria nos enforcar, ele disse:- “*Ótimo precisamos de alguém bom nas cordas*". Desisti! você conhece o John quando põe alguma coisa na cabeça (Lembra daqueles bobs de arame e as antenas para captar discos voadores e rádio amador). Disse-lhe que tocasse baixo, pelo menos. Mas, depois de uns quinze minutos sem nada ouvir, entrei novamente na sala e vi John segurando a guitarra sem cordas. Perguntei-lhe como ele iria compor ou tocar sem cordas no instrumento: "*A sound of silence*”, ele me

disse laconicamente. Finalmente pude sentir o gostinho da vingança e disse: *Essa música já existe, é do Simon, foi gravado junto com o Art*. Disse e me arrependi em seguida. John começou a espumar, literalmente, pois ele havia comido um pedaço de sabão em pedra e tomado detergente líquido (o que posso fazer? era a única coisa que sobrou na cozinha). Ele me disse que tomara aquilo para *limpar* os pensamentos da cabeça e *clarear* as idéias. Ficou louco, disse que queria ver a morte e me pendurou na janela.- *"Nunca!...aqueles dois travecos, bicholas, fizeram algo semelhante ao que eu fiz!"* ele gritava. Fiquei pensando se tivesse falado nos "Stones". Ele quase me estrangulou uma vez quando eu contei que o Mick Jagger, assim ele chama o tintureiro que lava e passa os meus ternos, estava trazendo jeans paraguaios com stone washed.-*"Quem sou eu*? Quem?". Ele gritava. Eu dizia você é o John nosso amigo, meu amigo que mora no bairro e montou a banda os "Besouros da dengue".Embora devesse ter nomeado "Os mosquitos da Dengue".- *"Beatles da dengue".* Lembro quando ele me corrigiu com o dedo em riste e a boca fazendo incríveis bolas de sabão coloridas.Eu pedi calma e disse-lhe para lembrar da sua infância, me aproveitando das suas informações na última mensagem. Perguntei onde estava sua mãe e ele me disse em prantos, o que aumentava a espuma (aliás preciso lhe recomendar esse detergente, ele é bom mesmo!), que sua mãe se fora, fugira e agora ele a perdera. Eu perguntei se ele imaginava onde ela estava:-"*Luci in de iskai uitch daiamondes*". Ele me disse baixando a cabeça e arrotando uma enorme bolha de sabão.Perguntou se eu tinha uma arma, disse-lhe que não. Ele me disse que queria matar o "seu" Passado. É assim que ele chama o tintureiro Mick Jagger, o "seu Passado", o coitado do homem que passa minhas roupas. Ele queria matar o Jagger! Em seguida me disse que já não se sentia mais um ser humano e afirmou que ele não era ele. perguntou se havia sobrado alguma garrafa de detergente ainda, se possível de limão. E começou uma estória que tenho de contar, mas que devido a quantidade de lágrimas e detergente, acho que vou aproveitar e passar o John na cozinha para desengordurar o chão. A gente se fala mais tarde. Caro Jota não posso garantir que ele não conseguiu o seu endereço, pois me disse que sabia que você guardava uma arma em casa, signifique isso e que significar. Zé.

Caro Jota, voltei correndo porque achei melhor não preocupá-lo e lhe contar sobre a tal afirmativa do John, de que ele não é ele. Começou me dizendo que foi visitar uma granja em New Hampshaire, modo como ele chama a Vila Alpina aqui atrás do curtume. Disse que ficou observando as galinhas por dois dias inteiros...acho que na verdade estava tentando cavar um almoço. Seja como for, ao vê-lo me deu pena, ou melhor dava pena ***nele***, cheio delas, milhares, deve ter entrado em luta corporal com as aves. Parecia uma galinha gigante quando entrou porta adentro do meu apartamento, achei que ele ia fazer um comercial de caldo de galinha. Aliás, troquei a fechadura, mas ele usou uma "micha" e abriu a porta. John anda

muito estranho, tanto que anda dizendo que aprendeu isso num curso de música que fez no Carandirú´s Music Hall.O que me intrigou, além da estória que ele me narrou sobre galinhas e pessoas ou algo assim, foi a sua proposta de fazer uma sessão espírita aqui em casa, pediu que eu convidasse você. Falou de Elvis, que ele não morreu de verdade, falou de James Dean, Curt Cobain e até do Mickey Mouse, do Godzila e do Nacional Kid. Eu disse: *"Bobagem, tudo isso está morto"*. *"Não! Eu os vi novamente, surgindo das catacumbas da tevê a cabo"*. Falou como se soubesse de alguma coisa fantasmagórica. E também, a moda da brilhantina e: *"Até a camisinha voltou com muito mais força e bem mais resistente, acredite. Em outros tempos eu teria sérios problemas com as pensões".* Nada morreu, ele afirma. Você sabe de alguma coisa para-normal em John, por favor me ajude.Desculpe tenho que correr,tive que pintar a mesa da cozinha de branco para o evento e deixei o macarrão no fogo. Você já ouviu falar em "Folie due" , é quando um sujeito está maluco e acaba contaminando um outro são, por isso os franceses chamam de "Folia de dois", acho que estou me contaminando.Já não sei, se o que o John diz é verdade ou loucura. Zé.

Prezado Zé, eu já estava quase conseguindo com que meus intestinos funcionassem, depois de um dia com uma prisão de ventre tão forte que parecia prisão perpétua, quando eu ouvi a campainha tocar. Mas tocava tão insistentemente e cortante que parecia que ia perfurar meus tímpanos. Saí correndo com as calças nas mãos e fui atender...acredite, era o John. **John Lennon esteve aqui ontem à noite**, com aquela mesma cara de babaca de sempre. Ele entrou, sem que eu mandasse, é claro, e foi logo me apontando uma arma. Eu gritei e, enfim, me borrei todo: *Ô meu, cê tá doido, quer me matar por que?* Ele começou a rir e disse. *Não é nada disso, cara. Eu só quero que VOCÊ atire em mim*. Trêmulo e com aquele calor e fedor que vinha dos fundilhos, eu exclamei, *Como*? E ele: *Ontem eu treinei como seria o meu velório e foi um sucesso. O Zé chorou, o Rod Stewart não parava de beber detergente de tanta tristeza. Eu quero que você seja o meu assassino, quer dizer, faz de conta. Você faz que atira em mim e eu vou treinar como eu devo cair...se os óculos são lançados longe ou se ficarão na minha mão num gesto bem intelectual; se eu devo morrer na hora ou devo agonizar um pouco*. Eu não me contive e gritei: *Pára John, eu não vou fazer esse papel de tolo só pra satisfazer seus caprichos mórbidos. Você não é o John Lennon!Você pensa que é, mas não é. Acho que foi de tanto você ouvir as músicas dele*. Ele virou-se para mim, como se não me escutasse, e falou tranqüilamente: *Talvez fosse melhor cair de lado, hein? Lá da entrada da sala eu ouvi o Rode Stewart, gritar: É melhor meshmo John, poishs de bunda pra chima o pessoal pode aproveitar, não fachilita não, cara, o pesshoal não respeita mais nem morto. Viu o que estão fazendo nos chemitérios? tem neguinho she aproveitando dos cadáveres. Dizem que algumash é muitcho maish quentche que muitas mulheres vivas*. Pois é, Zé, quando vi, até o Roderval estava dentro de casa, tão sujo que

deixou suas impressões digitais “pneumáticas” por toda a parede da sala. Mas, ele não vinha só, logo atrás apareceu o Jim Morrison, o garçom do “Cavern Club”, todo produzido, com aquela cabeleira ruiva, a boca grossa de bacon vermelho, óculos de sol em plena noite, calças boca de sino vermelha, botas de cano longo e aquela camiseta de algodão tão justa que parecia um “colant”. Esse então entrou gritando feito uma louca: *“Mataram o John, eu não posso acreditar. Como isso pode acontecer, oh,oh,oh?”.* O John deu um tremendo tapa na cabeça do Jim que ele só foi parar quando bateu na mesa de centro e se estatelou no chão. O John disse a ele caído ali no meio da sala disse: *Cara, presta atenção, nós combinamos que seria uma coisa de alto nível, pô! Você tem ser uma fã de classe, uma refinada, não esse tipo bichona. Você se ajoelha, pega meus óculos, olha pra mim e diz: E pensar que, ironicamente, um dia ele disse: "A nossa política é a do bom humor. Todas as pessoas sérias foram assassinadas. Nós queremos ser os palhaços do mundo".* Como eu estava possesso, botei todos pra fora de casa e voltei ao banheiro, desta vez para me lavar. Meu caro Zé, sobre esse lado para-normal eu nada sei, a única coisa que sei é que o John Lennon, o verdadeiro, uma vez disse: “*Eu tenho um grande medo desse negócio de ser normal*". Uma coisa que me lembro é da gente ter ido a um centro de umbanda uma vez e ele ter dito que recebeu a inspiração de um “preto véio” para fazer a música “ I am Walrus”, lembra? Fora isso, já que você pintou sua mesa de branco e até já está sendo contaminado pelo John, deixa as coisas acontecerem. Vamos ajudar o John se encontrar com ele mesmo o que vai ser uma trombada! “Let it be” , pois, quando ele cair em si ninguém sabe o que pode acontecer. Você sabe? Jota

Caro Jota, não querendo aborrecê-lo, mas sem mais ninguém para desabafar, procuro por você, sendo, particularmente, alguém que vive o mesmo problema que eu: John. Eu estou ficando louco Jota, me perdoe, não agüento mais, pensei até em procurar ajuda especializada para aprender a lidar com John. Mas as "Páginas amarelas" já não são as mesmas. Com essa onda de violência, assassinos profissionais estão em falta. Eu nem precisava lhe dizer, mas, **John Lennon esteve aqui ontem à noite**, ele me contou sobre você. Disse-me que você não deve andar nada bem pois estava cheirando muito mal quando o encontrou e até agora não entendeu por que durante toda a conversa você manteve as calças arriadas. Eu nada lhe disse sobre o seu desarranjo intestinal. A última vez que falei sobre desarranjo intestinal com John, ele me pediu para ver a partitura e reescrever as notas, mudei rápido de assunto.Eu temo ter que dizer isso mas, acho que John está louco. Sabe aquele revólver que você disse que ele mostrou para você e era de brinquedo? pois bem, as balas eram de verdade. John deveria ter me avisado pois, de tanto ele me provocar testei por brincadeira num prédio vizinho e acertei o Elton John!!! Sim o papagaio do Jim Morrinson, o garçon do Cavern Clube, que durante o dia trabalha de papa-defuntos na funerária da esquina e John teima em chamar de Jim Morri Som, claro, devido

ao trabalho dele. Acho que o incidente acabou por me descompensar totalmente. Então, fiz aquilo que deveria ter feito há muito tempo, disse*:-John você vai me dizer o que está acontecendo*. Como ele se recusasse, tomei a única conduta que achei que funcionaria, ainda que cruel. Liguei em alto e bom som a Olívia Newton John cantando "Tell me boy, tell me boy", John começou a se transformar, colocava as mãos no rosto como se pudesse deformar a própria cara, uma massa de modelar, arrancou dois dos quatro fios de cabelo que lhe restam e começou a gritar: *"Dão, por favor dão fasça issso cumigooo...".* Eu estava mortificado, mas tive que fazer essa pergunta. Você compreende, né? Ih! Alguém tá tocando a campainha...depois eu conto a conversa que se deu entre nós. Abraço.Zé.

Oi Zé, antes que você pense alguma coisa, saiba que o susto, quando John Lennon esteve em casa ontem à noite, não foi brincadeira não. Eu pensei que fosse um assalto mesmo. Depois dessas coisas que andam acontecendo com o nosso considerado John, acho que ele precisa de um psiquiatra, mas quando eu disse isso a ele, ele ficou possesso, e disse: *"Eu li sobre Van Gogh, Beethoven, todos eles, pois é, se eles tivessem psiquiatras nós não teríamos essas geniais pinturas de Gauguin."* Eu retruquei: *Cara essa frase não é sua é do John...*ele me interrompeu. *Não vai me dizer que estão me copiando, agora, vai? Só faltava isso acontecer pra acabarem comigo. Nessa vida nada se cria tudo se copia* (eu sei bem a quem ele se referiu). De fato, o John está muito abatido. Logo que entrou na minha casa foi logo se jogando no sofá com aquela roupa toda suja, amarrotada e cheirando mal. Sim, porque de novo, **John Lennon esteve aqui ontem à noite**, e enquanto fumava mais um dos seus cigarros, jogando cinzas por todo o tapete da minha sala, disse que ia aproveitar as fofocas da semana pra tirar uma da cara do Paul: *É o seguinte, tão dizendo que o Paul sofreu um acidente e morreu. Na verdade o Paul quase morreu atropelado por um ônibus que faz a linha Liverpool-New Hampshire, mas eu tô alimentando essa coisa de que ele morreu mesmo. Eu quero que você pegue sua máquina fotográfica e venha comigo pra gente tirar uma foto pro nosso próximo disco, vai ser na Abbey Road*. Eu não me contive: *-John, essa rua existe só na sua cabeça, na verdade é a rua do Mercado, cara!* Ele nem me escutou (nem poderia, pois a cera que ele tem nos ouvidos dá pra encerar todo o Palácio de Buckingham) e foi continuando: *-Pois é, vamos fazer essa foto e o Paul não vai aparecer nela. Vou colocar um cachorrinho vira-lata no lugar dele. A Yoko vai adorar isso. Vou lavar a alma oriental de my* ***Woman****.* Ele acendeu outro cigarro e eu não me segurei: *- Use os cinzeiros da casa, John!E vá bater esse seu umbigo lá fora para esvaziar. Meu deus! Cê tá pensando que aqui é a sua casa ou a do Zé? Aliás, você não sai do nosso pé?* Quando eu falei isso, ele tirou o tênis e, nessa hora, todas as moscas que voavam por todo o bairro foram em direção ao pé dele. Sim, porque de meias mesmo, só tinha uma parte do cano. Bem, o cheiro era tão forte que **eu** resolvi sair de casa. Vou

esperar ele ir embora, enquanto isso vou até a Traffalgar Square.
Abraço.Jota.

Caro Jota, reproduzo aqui o teor daquela conversa que tive com nosso amigo, sim é isso mesmo: **John Lennon esteve aqui ontem à noite**. Gostaria de poupá-lo, mas que posso fazer agora que alguém nos procurou e quer reproduzir a vida de John?
-*Eu não sou mais quem sou*. Afirmou John, a cabeça baixa, as mãos entrelaçadas no meio dos joelhos ossudos enquanto aquele cigarrinho evolava sua fumaça pela minha sala.
-*Eu não estou entendendo, claro que você é você*. Eu disse, já achando que estava a caminho de mais uma noite de sono perdida.
-*Eu estive na granja novamente, Zé, e eu vi a mim mesmo*.Disse John sem levantar a cabeça, a não ser para mirar o teto, dar uma tragada funda que quase o deixou sem fôlego e fez seus olhos pularem para fora da cara feito duas jaboticabas. Ele estava "*viajando*", mas pela cara, comprara uma erva ruim, a *viagem* deveria ser de segunda ou terceira classe, pelo estado dele.
-*Não me diga que você voltou a roubar frangos?* Perguntei já receoso da polícia batendo em minha casa.
-*As galinhas não são mais galinhas, você sabia?* Ele me disse, eu me perguntei se aquilo que eu tinha comido no almoço não era galinha o que era então?
-*Não são as mesmas? Explique-se*. Limitei-me a dizer enquanto já sentia um certo mal estar estomacal.
-Você sabia Zé, que eles dão rações de cores diferentes para cada galinha?
-*Não, eu nunca me interessei pelo cardápio das galinhas, acho que* ***elas*** *é que deveriam se interessar pelo* ***meu*** *cardápio, hahaha!* Eu ri, mas John não achou graça, deu outra tragada e dessa vez eu vi que seus olhos convergiram num estrabismo tão intenso e de tal modo, que um olho ficou de frente para o outro, e ele falou com dificuldade.
-*Ehhhu vhiif ahs galinhash (Arroto e fumaça), comendo grãos de cor diferentes. E maish, a luz da granja fica acesa 24 horashss por dia, mas como ashs galinhas não saem do lugar, não ciscam, não bicam, não cacarejam, e mais incrível...shhhh, uhuuuususus, Oiéys!!!! (Reproduzo, como posso, os sons emitidos por ele), bothsam um olvo (Arroto e fumaça), a cada 23 horas, ou seja cara, totalmente contrário à natureza! "Eles" conseguiram que a galinha faça o impossível de botar um ovo em menos de um dia, aumentando a produção...e por que?*
-*Por que*? Limitei-me a repetir a pergunta, já meio tonto com aquela fumaça e morto de sono.
-*Porque nem a galinha é mais galinha, foi transformada numa espécie de máquina orgânica, Zé.Você não vê a mensagem?*
-*Eu não vejo nada, principalmente com esse seu cigarrinho, acho até que vou abrir a janela tamanha é a fumaça*. Eu disse e fui até onde eu **achava** que era a janela.
-*Eles colocaram tanta coisa na comida da gente, modificaram tanto a nossa vida, que nós não somos mais quem somos, somos*

uma experiência química. Por isso decidi que de hoje em diante não comerei mais ovos!!! O ovo unido jamais será vencido! Eu e você não passamos de um ovo químico da sociedade.
-Meu Deus do céu! O que faz a droga. Limitei-me pensar sem dizer e arranquei aquele cigarro da boca dele, aquela erva era daninha, terrível.
- Se você é "Mauricinho", "punk", "dark", Heavy, ou sei lá o quê, só o que importa é saber se você é consumidor, logo começam a vender roupas, livros, faixas e até escrever nossos protestos, com marca!!! A revoltas viraram grife! Todo e qualquer tribo é classificada de "Consumidor" e ponto. Você entende, Zé? o mundo precisa de ajuda, está sendo reduzido a uma experiência de mercado. O que você acha? Quis saber John.
-O mundo eu não sei, mas eu acho que preciso de ajuda pra me livrar de você. Disse ao John.
*-**Eles industrializaram as nossas ideologias**!* Gritou John pondo-se em pé no meio da sala. *-Eu até me inspire Zé, vou reunir a banda e já tenho uma letra nova.*
Caro Jota, estou desesperado, John atirou todos as caixas de ovos pela janela e saiu a procura do líder do "*Santana*", mas acho que tão "ligado" como estava, pegou mesmo o Vila Tremembé, aquele coletivo que passa aqui em frente. Tchau. Zé.

Oi Zé, cá estou de novo às voltas, digo, de volta da Praça do Pito Aceso, aquela que o John insiste em chamar de Traffalgar Square. Caro Zé, não acredito nisso: alguém mais quer saber da vida de John? Esse cara deve ter batido na trave, aliás, como aconteceu com o próprio John, lembra? Ele está vendo estrelas desde aquela época. O pior é que quando a gente fala isso ele diz que é o único a tocar as estrelas, é mole? Você não vai acreditar, mas eu entrei em casa e senti um cheiro meio peculiar, olhei as solas do sapato e não era dali o cheiro, vinha da cozinha. Fui até a cozinha e...quem estava lá, sozinho no escuro? Sim, o **John Lennon esteve aqui ontem à noite**, não sei como ele entrou, mas estava lá e isso já não é mais surpresa. Toda vez que eu viro uma esquina, que abro uma porta, que levanto a tábua do vaso da privada, eu penso que o John vai aparecer. Isso já está se tornando um pesadelo. Quando acendi a luz, ele já foi me dizendo que não come mais ovos e que é um crime o que estão fazendo com as galinhas, que elas estão todas obesas e que isso tá acontecendo com os cães e os gatos, também. Sem contar com os ratos de laboratório. Caro Zé, ele já está dizendo que vai levantar uma bandeira em nome desses animais. Vai fundar o MSI, Movimento dos Sem Identidade. Quando ele deu uma tragada naquele cigarro horrível e deu uma baforada de propósito na minha cara eu não me contive e disse: *Pare de fumar essa droga!* Ele, com a maior cara de songo, retrucou: *Só falta você dizer que os fumantes morrem de câncer. Mas, não se esqueça que eu vou morrer de outra coisa antes, não é?* Eu me calei, porque essa coisa de ser assassinado em frente ao Central Park já deu muito pano pra manga, mas ele continuou: *Não sei se vou fundar uma associação em favor dos ovos ou das galinhas, preciso me reunir com eles*. Eu tentei chamar o John para o nosso mundo:

John, você não me apronte nada por aí, hein? Da última vez que você foi preso só conseguimos tira-lo do xilindró a pedido dos demais presos. Ele emendou: *Pois é, Jota, o mais chato é aqueles cães farejadores de drogas...aquele nariz gelado no nosso traseiro. Eu não quero falar sobre isso, porque hoje em dia não existe mais fidelidade de personalidade, pra mim só existe a infidelidade de identidade. Você não reparou nas novelas, no cinema ou nos gibis? Ninguém sabe quem é quem, todos têm dupla personalidade, O Batman, o Robin, o Super-Homem,O Cisco Kid, o Tom e Jerry. Agora, a maior prova do que eu lhe digo, meu caro Jota, são os trangênicos. Imagine que um grão de soja não é mais o mesmo, que o trigo não é mais o mesmo trigo, cara* ! Eu quis parar o papo, acrescentando um "*você tem razão*" pra ver se ele parava com essa paranóia, mas ele continuou. *"Eu não sou o John, eu sou o John, o Paul, o George, o Ringo, enfim, não tenho personalidade dupla, mas sim, quádrupla, quíntupla ou mais".* Prezado Zé, a coisa tá feia com esse nosso amigo. De repente, ele me olhou com uma cara de sofrimento, que é muito natural nele, com as mãos tapando o rosto, e me disse que estava sentindo um vazio imenso dentro de si, que era uma coisa dolorosa. E emendou: - *Acho que preciso comer alguma coisa. Jota, faz um cafezinho caprichado com um pão na chapa pra nós.* Caro Zé, você sabe, eu não tive saída. Bye, Jota.

Caro Jota, eu escrevi para dizer que **John Lennon esteve aqui ontem à noite**. Talvez lembrando o que passei hoje, também me ocorreu de lhe contar sobre a última do John. Ele me disse que os preparativos para o seu auto-assassinato estão indo de vento em popa. Diz que fez contato com todos os seus amigos, James Taylor, o bilheteiro da praça, com o Bob Dylan, aquele sujeito que tem uma barraquinha de vender escovas, pentes e bobs (Bob`s Dilan) para mulheres ali no terminal de ônibus, enfim, muita gente. Diz que começou a escrever cartas-convite para todos e me perguntou se "sexta-feira" se escrevia com "X" ou "CH", quando eu disse: Com nenhum dos dois, ele escreveu: Comnenhumdosdois-Feira, você acredita? Quando eu falei que ele tinha fugido da escola, me olhou sério e disse :*Fugido não. Expulso!*. A seguir começou a falar que já estava vendo as manchetes do dia do seu auto assassinato: *"John Lennon morto á tiros pelas costas, suas últimas palavras foram: My name is John, I`m dead for lived forever.John`s live, American`s Go Home!; I have a dream! Don`t asked what the América take for you, but you will be to América!;"Never tantos deveram tanto a tão poucos"; "God Save de Queen"; Levi`s; Lee jeans; Mc Donalds out 50%".*Disse-lhe que além das frases serem feitas, se ele tivesse tempo de dizer todas essas bobagens, provavelmente morreria mesmo é de velhice. Mas ele poderia ficar tranqüilo que, com certeza, se ele não parasse imediatamente, eu mesmo atiraria nele, isso se conseguisse furar a fila dos pretendentes. Fiquei louco e agarrando-o pelos ombros ossudos disse-lhe: *Por favor, John , você não é quem pensa que é, está sonhando e eu vou lhe dizer uma coisa: O SONHO ACABOU!* . Tive que ser duro com ele. Então ele

me disse:- *"Tudo bem que o sonho acabou, mas será que não sobrou nem* ***um*** *pastelzinho do Jimmy Hendryx?".* Aquilo, confesso, me cortou o coração. Você sabe o quanto ele gosta daquele pastel engordurado do Jimmy Hendryx, o pastel mesmo não tem gosto da nada , mas em compensação causa uma tamanha prisão de ventre que ao peidar o sujeito faz cada solo impressionante. Sugeri que ele poderia tentar alguma forma de relaxamento, alguma terapia alternativa. Ele me disse que pra relaxar estava fazendo um tratamento a base de acupuntura, mas como estivesse sem dinheiro estava usando agulhas de tricô mesmo. Caro Jota, cada vez que ele passava em frente do abajur dava pra ver os raios de luz atravessando por ele. Eu não acreditava. E ainda cismou de tatuar o nome de Ioko (Verinha Meia-boca) no umbigo.Eu insisti que ele precisa pensar em outra mulher, tirar a Ioko da cabeça de qualquer jeito, ele pegou uma faca de cozinha e quis cortar o próprio pescoço. *"Ninguém mais me entende como ela, nenhuma mulher jamais ligou para mim. Nunca houve outra mulher"*. Desesperado peguei a agenda dele e achei um nome :"*Alice*"! Eu disse. - *Olhe, tem um nome de mulher aqui, Alice, que tal ligar para ela?* Ele me olhou fuzilando, tirou a agenda da minha mão e saiu, antes gritou para que nunca mais chamasse meu amigo Alice Cooper(O que trabalha no Butantã), de mulher, senão ele ia contar para a cobra dele. Saiu.Tchau. Zé.

Prezado Zé, eu já estava ficando preocupado quando alguém bateu à porta. Pensei: *"É o John"*. Fui correndo para abrir. Quando abri, até que me decepcionei, era um rapaz. Perguntou se eu era o Jota e, ao saber que sim, me disse que o John estava querendo me ver urgente lá na rua, em frente ao meu prédio. Eu fui correndo para a janela do apartamento e vi, deitado no meio da avenida, o John. Ele estava deitado de braços abertos no meio da Avenida Paulista. Eu gritei com todas as forças pra ele sair dali senão ele ia ser atropelado. Ao mesmo tempo, pedi que ele não se mexesse pra não ser morto. Enfim, eu não sabia o que fazer. Os carros buzinando, um sujeito querendo saber como ia fazer para receber o seguro do carro, depois, que ele sem saber, tinha colocado o John no veículo para ser socorrido.Disse-lhe que pelo cheiro do interior do carro ele poderia ficar tranqüilo.Era só acionar o seguro, pois, aquele "bodum" que o John deixou dentro do automóvel, dava "perda total", na certa.Ele ficou mais tranqüilo.Só sei que desci até a frente do prédio e acenando para os carros, quase sendo atropelado, quase meio alucinado, fui buscar o John e o trouxe para meu apartamento. Mais uma vez, **John Lennon esteve aqui ontem à noite.** Acredite, eu mesmo o trouxe pra dentro de casa. Eu não me contive e gritei com ele dizendo que ele era doido, que se ele queria morrer, era melhor ficar perambulando pelos morros do Rio ou na zona leste de São Paulo; que se jogasse do Viaduto do Chá, que comesse manga com leite; tomasse banho depois do almoço, que almoçasse em qualquer *fast-food* da cidade ou "comida por quilo", enfim, se ele queria uma morte violenta eu acabara de listar um monte delas. Ele nem me olhava, apenas se mantinha de cabeça baixa

sentado na poltrona da sala. Quando eu dei uma parada pra respirar ele sussurrou e disse: *"A minha morte vai ser a minha redenção, eu passarei do sonho para a realidade e vice-versa".* Confesso que eu não entendi nada. Ele continuou dizendo que só assim ele deixaria de ser ele mesmo para ser o eu verdadeiro. Nessa hora eu pensei que John estivesse tendo novamente aqueles lampejos de esoterismo ou teria mudado mais uma vez suas convicções religiosas. Quem sabe estaria freqüentando uma nova seita, talvez o budismo, islamismo, Santo Daime, sei lá. Mas, ele continuou dizendo que a crise em que estava mergulhado era fruto de sua dupla personalidade. Eu pensei que o John voltou a ser o velho John, mas me enganei, veja só. Ele foi dizendo que o fato de ser um mito às vezes o deixava irritado e que ele perdera sua individualidade, pois, não podia mais andar tranqüilo pelas ruas, nos cinemas, nos teatros; que em todo lugar que ele vai tem sempre alguém que o reconhece e que isso está se tornando um martírio. Dizia: *Eu cansei! Eu cansei, porra! Quero ser simplesmente eu mesmo. Não quero ser mais o John, o astro, o mito. Quando é meu Deus! Que eu vou poder estacionar meu carro sem ter que ser abordado pelos guardadores de carro? Quando Senhor! eu vou parar num semáforo sem ter que fechar a janela do carro pra me livrar dos flanelinhas?!* Caro Zé, o que se pode fazer quando alguém como o John fala uma coisa dessas, se nós mesmos muitas vezes saímos do cinema pensando ser o mocinho, mesmo que esse herói fosse um cavalo ou um cachorro! Neste último caso não seria tão mal pensando nos guardadores de carro e flanelinhas. Desculpe, divaguei. Ademais, como ignorar a babaquice das estrelas do cinema, tv, teatro, que lutam a vida inteira para serem reconhecidas na rua e depois se rebelam contra seus fãs que pedem autógrafos? Ou ajuda para as entidades filantrópicas? Quando John me falou que a Janis Joplin talvez tivesse morrido por causa disso(ela odiava ser reconhecida na rua sem maquiagem), eu caí na real: não posso me deixar levar por essas loucuras do John, essa Janis Joplin que ele citou na verdade é uma gari que faz limpeza nas ruas do nosso bairro. Olhei fixamente nos olhos de John e pedi que não fosse adiante com aquela mentira e contasse o que tinha acontecido de verdade. Envolto em lágrimas ele me disse que a Yoko novamente tinha lhe dado um pé no traseiro e pra ele esquecer tudo e nem passar em frente ao barraco onde eles moraram. Tudo começou depois que a Yoko quis discutir a relação, insultada que estava, por ser acusada de adultério por John. Ele falou pra ela que tava difícil discutir a relação com o Paul, particularmente naquela hora, com ele dormindo no meio dos dois. John quase não ouvia o que ela dizia pois o Paul roncava muito. E ela, furiosa, não se conformava: como ele poderia desconfiar dela, da sua sinceridade? No que foi prontamente apoiada pelos outros dois integrantes da banda que estavam nos guarda-roupas. Ela, ofendida, lhe atirou umas havaianas na cabeça, que se ele não abaixa, acertaria em cheio seus óculos, mas que infelizmente acabou acertando uma imagem de São Jorge. Foi um choro só. Ele mal conseguia falar. Xingava o Bono Vox, suspeitando que este estava tendo um caso com ela, pois, ela

era fã do U2, Uns3, Uns4, assim por diante até Uns69. John dizia que só pra fazer ciúme pra Yoko iria sair com a Alanis Morri Sete, que já tinha sido viúva por seis vezes, a última de um pintor de parede chamado Steve Wonder. Aquele com uma leve deficiência visual, coitado, não viu que a parede tinha acabado depois do trigésimo andar, e quando quis apoiar a escada nela, era tarde. Se o Steve caiu, não se sabe (W)onde? Bem, a coisa está complicada. O John, delicadamente, me pediu que fizesse um lanche rápido a base de bacon, ovos mexidos, batatas fritas, tomates, duas fatias de queijo Chedar e pão italiano...sem gergelim. Bem, caro Zé, pra não haver briga, lá fui eu pra cozinha dar uma de cozinheiro do Mac Donald's. Você faria diferente? Abraço. Jota.

Caro Jota, as crises do John estão se tornando cada vez mais freqüentes e, o pior, mais sérias. Eu gostaria de não ter que lhe contar, mas **"John Lennon esteve aqui ontem à noite"**. Eu só descobri porque o meu tapete novo estava todo respingado de maionese do sanduíche que ele comeu na sua casa. Disse-me que precisava falar, precisava se abrir com alguém, se sentia pesado, que alguma coisa estava apertando seu peito. Quando eu disse: *Tudo bem John, eu sou seu amigo, pode por tudo que o incomoda para fora*. Ele arrotou alto na minha cara e nem me agradeceu. Disse que agora se sentia bem melhor. Estava com receio que eu nunca concordasse, mas que agora se sentia outra pessoa.-*Outra pessoa?.* Gritei, continuando:- *Você nunca sabe o quê, nem quem é. - Depende...*Emendou ele, perguntando se podia comer a ração dos peixes. Achei que depois que ele comeu os peixinhos da última vez que esteve aqui, que diferença faria? E francamente, antes os peixinhos do que o Joe Cocker, o meu cachorro de estimação que ficou com esse sobrenome quando eu sugeri ao John que me esperasse para jantar com um bom cachorro quente.Como já não me adiantava de nada guardar aquela ração, cedi.-*Por exemplo Zé, todos nós somos todos e nenhum...* .Disse-me ele, atirando punhados daquela ração na boca. *-Para você agora eu sou um peixinho de aquário. -É.* Concordei eu contrafeito.-*Mas para Ioko o que sou eu? Sim, o que sou eu?* Ele me perguntou, com ração escapando pelo vão dos dentes.-*Sei lá*. Eu disse.-*Eu sou apenas uma espécie de suporte do meu próprio pinto*! Vendo o "Ó" que se formou na minha boca ante a sua frase, ele partiu para sua explicação, não sem antes limpar a boca (Como se faz com um guardanapo), na pelagem do Joe Cocker, pelagem que era dourada e depois daquele dia ficou cinza. Cuspindo pêlos ele disse:-*Pois é, meu caro Zé, todos esses anos eu descobri que não passava de um suporte de pinto para IOKO. Ela só me queria como um dejeto sexual. "Objeto sexual".*Eu corrigi.- *Dejeto!.*- Ele insistiu.- *Sim, um dejeto sexual porque ela me usa e me expulsa da casa* ***dela.*** *Não me deixa usar a cama* ***dela,*** *usar o shampoo* ***dela,*** *assistir a TV* ***dela,*** *sair com as amigas* ***dela,*** *nem gastar o dinheiro* ***dela! É assim que se ama Zé? É assim?*** *Eu quero dividir tudo com ela, principalmente minhas dívidas que agora são dela, minhas meias sujas, minhas cuecas usadas, minhas camisas tudo que é pra lavar e até, os botões, que ela ficou*

de costurar, vê como eu sei dar de mim? Amar é partilhar Zé! O verdadeiro amor é a doação!!! Aquele que não partilha não merece viver neste mundo, é um animal e merece ser devorado pela sociedade! Gritou John olhou de modo tão estranho para o Joe que eu tratei de pegá-lo no colo.- *Mas de mim você nunca verá semelhante ação.* Prosseguiu John quase possuído pelas palavras, farelos de comida de peixe voavam pela sua boca, atingindo meus olhos. *"Por isto Zé, neste exato instante eu estou me doando para você!Eu sou seu!".* E me abraçou. Confesso Jota, que eu nem conseguia falar, apenas balançava a cabeça gesticulando que "não" com movimentos mudos da boca. Ele caminhou até a porta, abriu e trouxe a sua mala para dentro do meu apartamento.-*"E não é só, também estas meias e roupas agora são suas, Zé."* Enquanto Joe encolhia as patas contra a cabecinha, John continuou:-*Por isso vou me partilhar com você, ficarei aqui até minha morte. Não me agradeça!Faço isso pelo amor. The world need love. Eu vou me deixar partilhar com você e* ***com*** *o Jota*. E dizendo isso me abraçou e começou a arrancar a minha camisa vestindo-a, deu-me em troca a dele, tirou um dos meus de sapato e calçou. *-Vê? agora nós partilhamos! Isto sim é humano! -Mas eu vou ficar descalço.* Retruquei. Ele então me segurou pelos ombros, voltou os olhos para mim e disse:-*Dê uma chance aos pés, Zé!Eu traduzo, Zé: "Give a chance of pés".*E rapidamente anotou a frase num caderninho, frase que tive de corrigir duas vezes pois ele escreveu chance com "x" e pés com "z" no final.
-Afinal onde você quer chegar John? Disse já desesperado. - *Se você sair da frente Zé, e me deixar chegar até a geladeira já é um bom começo, porque estou morrendo de sede. Acho que é por isso que os peixes vivem na água, esta comida é muito salgada.* Desesperado eu disse:- *"John nós somos amigos, mas como você vê este apartamento é pequeno demais, não há lugar para você. Eu gostaria de ajudar, de verdade, mas onde você iria dormir?".* Foi então que ele se meteu no aquário e está lá até agora. A propósito, ele diz já ter feito uma nova letra, "Submarino amarelo", quanto a mim estou saindo pra comprar mais ração para peixe, nunca se sabe quando ele vai ter fome de novo. Se der ligo mais tarde.Zé.

Caro Zé, quando abri a porta e vi na minha frente o Ozzy Osborne - é como o John chama o Zico Funileiro - pensei: "Boa coisa não é". Ozzy estava apavorado e quando ele fica assim gagueja mais que o habitual, ou seja, não se entende nada do que ele fala. A não ser palavrões. *"Ooooo...John...puta puta...puta...vida...cocô...cocô...cocôconseguiu...merda...tat ataapipi..apipi...ééééapipinhado na totototo Cacete...na torre de alta tensão de energigigigia elélélétrica, porra!..Pronto, falei".* Eu ia perguntar aonde, mas achei melhor deixar pra lá e apenas pedi, através de mímica, que ele me levasse até o local. Andamos umas duas quadras e me deparei com uma torre de alta tensão de energia elétrica, uma multidão em volta dela, carros de polícia com luzes piscando, bombeiros, televisão, jornais, enfim, uma parafernália. Mas quem estava lá em cima da torre? Acertou, Zé, era o John. Acredite se puder. Estava

lá em cima, no topo da torre, todo iluminado com lâmpadas coloridas piscando por todo o corpo. Foi uma luta tira-lo de lá. Você sabe aquela falta de energia aí no seu apartamento, justamente na hora que você estava no banho totalmente ensaboado? Pois é. Era por causa do nosso considerado amigo. Só conseguiram tirá-lo da torre porque deu um raio e, depois de um estrondo, deu um curto circuito e o John caiu de lá de cima e se espatifou no chão, mais torrado que paciência de palhaço em festa infantil, mais enrugado que saco escrotal e mais zonzo do que o habitual, se é que é possível. Não tive outra saída, eu e o Ozzy pegamos o que sobrou dele e o levamos pra casa. Ainda bem que o Ozzy me ajudou senão eu tinha que dar umas três viagens. Bem, é fácil deduzir, ainda que repetitivamente: o **John Lennon esteve aqui ontem à noite**. Mas você se engana se pensa que foi uma daquelas visitas rápidas que ele faz normalmente, quando não ultrapassa aquelas 3 ou 4 horas, acaba com a comida e a bebida da sua casa, não, não, não. Dessa vez ele estava elétrico, aliás energizado, acho que houve um excesso de carga.Se ele tivesse um medidor este mês a conta ia ser bem alta. Quando entramos, ele ainda mantinha aquele cheiro de queimado e ainda fumaceava, às vezes soltava uns peidos faiscantes e dizia que isso era por ter engolido muitos kilowatts negativos, se é que isso é possível. Fiquei pensando se esses kilowatts fossem positivos, aí daria pra abastecer a cidade com gás encanado diretamente do cú do John. Pelo menos isso poderia dar um certo lucro, pois o John, além de nos dar tanto trabalho, só dá prejuízo. Logo que entramos, o campo magnético que se desprendia do John era tão intenso que não foi preciso nem acender a lâmpada, ela acendeu sozinha. Quando passamos pelo abajur da sala ele começou a piscar, o abajur e o John. O forno microondas começou a funcionar e o prato interno a girar tão rápido que dava pra surfar nas ondas do aparelho. Enfim, eu e o Ozzy o deixamos no banheiro pra ele se lavar, principalmente pra tirar todo aquele barro e a merda de cachorro que estava grudada na sua cabeleira. É que quando o John caiu, além de tudo, caiu em cima de um monte de bosta do Bill Halley, aquele Dobberman do George Harrison, o vigia da granja, tanto que o George chama esses montes de bosta de Cometas, de tão grandes e compridos, seria o “Bill Halley e seus Cometas”. Passado algum tempo, o John apareceu na sala. Mas alguma coisa estava errada. É que toda vez que ele me olhava, tocava a campainha, não do apartamento, mas da garganta dele. Cada vez que ele piscava, acendia uma luz vermelha no seu nariz. Cada vez que ele mexia os braços, o osso rádio começa a tocar Ave Maria de Gounot, o úmero dava as badaladas das 6 horas da tarde e as cordas vocais começavam uma oração evangélica. Eu gritei com ele para que parasse aquilo, pois, já passava da meia noite, e os vizinhos poderiam reclamar ou, na pior ainda começar uma procissão. Quando isso cessou, John passou a falar frases desconexas. Ele parece que falava de trás pra frente. Eu apenas descobri, depois de muito sacrifício, entender que ele subiu na torre por que a Yoko teria dito a ele para tomar um energético, pois ele andava muito apático ultimamente. Ah!

Quando eu disse que ele parecia um corvo em cima da torre, ele me falou que eu tinha lhe dado a inspiração pra fazer mais uma canção para o novo álbum: "Black Bird, Free To". Bem, apesar de muito frito, eu vou tentando juntar as peças desse quebra-cabeça, usando luvas de borracha enquanto espero o socorro do grupo de emergência da companhia elétrica. Mais tarde eu te ligo, claro, se a radioatividade do John não der interferência e se a conta não vier alta, não do hospital, da luz. Um abraço. JOTA

Caro Jota, ainda acreditando que você possa estar se recuperando do último encontro com John, sua situação não é muito diferente da minha, acredite. Tenho os nervos em frangalhos e os fundos, bem no fundo. Agora sei porque foi um choque para mim a última vez que estive com John e ele me deu um abraço de 220 volts! Enquanto John se ausentou por um dia ou mais, nem sei ao certo, tratei de arrumar toda a minha casa e avisar os vizinhos, que iria viajar. Para não ter que falar com John, deixei um bilhete pregado na porta com os dizeres: *"Precisei viajar a trabalho. Vou até Pequim. Volto Logo. Zé".* Achei que com isto afastaria John. Tratei de fazer parecer que não havia ninguém no apartamento. Agi assim certo que estaria em paz por um tempo. Mas, minha maior surpresa foi ontem à noite. Tão logo cheguei, passo antepasso, no maior silêncio, fui tentar abrir a porta do meu apartamento e...nada! Forcei a porta. Testei outras chaves, nada. Empurrei, forcei, chacoalhei, nada. Estava desesperado. Até que um arrepio frio me percorreu o corpo, bati na porta. E do outro lado, ouvi a voz de John.- *"Quem está ai?".* Não teve jeito, vencido disse: - "Sou eu John, o Zé. Abra a porta". Ele respondeu de lá: - *"De jeito nenhum o Zé saiu de viagem. Ele me deixou um bilhete".* Sentei-me na porta. - *"Não é verdade John. Eu estou aqui."* - E ele respondeu: *"Mentir é feio. Eu estou com o bilhete aqui. Identifique-se!".* Perdi a paciência. E agora tenho uma porta nova para colocar. Isso mesmo, **John esteve aqui ontem à noite**. Não bastasse isso, encontrei-o com meu pijama, meus chinelos, meus óculos, minha touca de banho, não sei mais o que faltava para ele tomar conta de tudo que me pertencia. No meio da sala havia uma enorme pilha de latas. - *"Aposto como esta é outra ridícula escultura da Ioko!".*Falei.- *"Não".* Ele me disse calmamente. E apontou para o topo da escultura. Encimando a pilha havia um pneu velho. Quase morri de rir ao ver tamanha idiotice, um monte de latas de cerveja e um pneu velho.- *"E aquilo por acaso é um pneu de carro?".* Perguntei. **- *"Era***. *O que você acha?".* Eu ri novamente. - *"O que eu acho? Ridículo! Olhe só estas latas.* (Peguei uma delas) *Engraçado. É a primeira vez na vida que eu vejo uma cerveja da mesma marca do meu carro... Meu carro! Não! Como você fez isto com meu carro?"* John limitou-se a me olhar calmamente enquanto se ajeitava no meu roupão de dormir.- *"Eu não. Foi o poste, sem carteira e na contra-mão, o seguro vai aciona-lo, fique tranqüilo. Quanto a escultura, a Ioko fez resto. Sim. Seu carro agora se transformou numa obra de arte, Zé.".* Agarrei John pelo pescoço. Eu estava completamente enlouquecido.

Comecei a estrangula-lo. Gritando: -"*O que mais você quer de mim? O que mais!*". Só parei quando ouvi o arroto. Virei-me. Era a minha namorada, a Zilda, parada na porta do quarto usando só um cinto, no resto do corpo, nada. Eu olhei para ela e dela para o John. Ele começou a se explicar: - "*Você deixou um bilhete que ia para a China, ela veio procurar você. Estávamos muito tristes, nós começamos a conversar e...*". Eu larguei dele e fui até a Zilda que estava com um sorriso meio besta na cara e um olhar idiota. - "*Ela está completamente pirada. O que você deu pra ela?*". Ele deu de ombros:
- "*Só o que tinha em casa...*".
- "*Em casa só tinha desentupidor de pia!*".
- "*Bem batido e com um pouco de limão...*" Disse John.
-"*Você ficou louco John?*" Gritei vendo que Zilda nem parava em pé.
- "*Eu, não.* ***Mas ela****...Aliás, Zé você por acaso sabe porque é que eles fazem essas coisas com sabor de frutas cítricas.Ridículo você já viu algum ralo entrar num bar e pedir um desentupidor de abacaxi ou acerola?*"
- "*Cale a boca!*". Gritei enquanto tentava vestir alguma coisa em Zilda. Pelo menos fechar o cinto que não estava bem afivelado, porque o resto da roupa só Deus sabe onde estava.- "*Você está transformando a nossa vida num inferno*".
- "*O que é isso?*". Disse-me John, colerizado.- "*A rotina é um inferno.*" Profetizou.E abraçou **a minha** Zilda. Eu me sentei totalmente vencido.Ele continuou sua arenga.- "*Zé, a vida é um inferno. Todos que estão aqui foram os condenados. Você não percebe? Todo dia as mesmas encheções, as mesmas pessoas, a mesma rotina, ano após ano. Quem nasceu neste mundo faz parte dos que foram condenados ao inferno, não o contrário. Pra onde foi mandado o Diabo? Então...é aqui que ele mora, aqui moramos nós.*" Ele tirou o cinto da Zilda alegando que estava sufocando a respiração dela."**No baixo ventre**!". Pensei. -"*Ela está nua!*" Repliquei. Ele me olhou com aqueles olhos ensebados e disse: - "*Nus estamos nós, Zé. Você ainda não percebeu que cada dia que passa você tem que pôr uma roupa diferente? Um dia você veste a roupa de pai de família, no outro de chefe, no outro de puritano; outro ainda de responsável, religioso, consciente, equilibrado, cumpridor das leis, correto, legal, simpático. No fundo, talvez você quisesse ser outra coisa completamente diferente, apagar tudo, rasgar as fantasias, sumir, desaparecer. Quantos você é? E pior, quantos você* ***não é?***". Eu só esfregava os olhos para não ver a nudez de Zilda que tomava mais um gole do desentupidor de pia.-"*Eu não sei, eu não sei...*". Disse quase choramingando. -"*Tá vendo Zé, você pensa que sabe quem é mas, nem imagina quantos não é!*" Eu estava desolado e tomei um gole do desentupidor de pia, deveria ter comprado sabor lima/limão, cereja era muito ruim.
- "*Essa vida é uma droga. Veja que infelicidade eu tenho. Acabo de perder a minha namorada, o meu carro, meu apartamento, meu roupão e, o desentupidor de pia só dá pra mais uma dose... A vida é uma droga, sim*".
- "*A vida não é uma droga Zé, acredite, senão já a teriam traficado, fumado ou cheirado tudo. Você só tem que encontrar*

a felicidade.Drogados estão os que não vêem a realidade e procuram fantasias onde não há.Viciados na infelicidade, dependentes de carinho.É a verdadeira felicidade que todos queremos."

- *"Que felicidade?!".* Perguntei tomando mais um gole do desentupidor que a Zilda lutou para não me dar. Ela estava ficando viciada naquilo e eu também.

-*"A felicidade , Zé. A gente só tem que saber procurar. Imagine a vida como um enorme bolo de frutas. As frutinhas no meio são os pedaços de felicidade. A gente só tem que morder o pedaço certo. Tá certo que às vezes você come muita massa até chegar no pedacinho que quer mas, quando chega...Tem que comer tudo. Entende?"*

Eu que estava meio choroso, agradeci. Disse: -*"Obrigado John, eu entendi a sua mensagem, acho que você está certo, a gente tem que procurar a melhor parte da vida e saboreá-la. Comer a frutinha no meio de toda aquela imensa massa. É isso ai."*

John nem me respondeu, puxou a Zilda de volta pro quarto. Eu dei um salto e falei: -*"Hei! O que você pensa que está fazendo?!"*

- *"Ué...comendo a frutinha."* E bateu a porta do quarto.

Desculpe-me Jota, mas você sabe o endereço daquela torre de alta tensão? Goodbye. Zé.

Olha só, meu caro Zé, a torre de alta tensão está lá, mas os caras mantém policiais para evitar que as pessoas subam na torre, ou pra se matarem ou porque pensam que são aquelas luzinhas de natal e a torre uma árvore. Acho que deveriam usar os seguranças para incentivarem as pessoas a subirem na torre e assim ajudar o país a acabar com a pobreza. Sim, porque só quem faz isso são os pobres, os desempregados e, é claro, os loucos. E por falar em louco, o John fez um estrago aí no seu apartamento, hein? Já aprendi que o John pode tudo, digo, **fode** tudo.Desculpe se isso atinge a Zilda. Ah! antes que eu me esqueça, o **John Lennon esteve aqui ontem à noite!** Mas não foi algo assim tão ruim não. Ao contrário, gostei dele vir aqui em casa, pois, assim foi possível desentupir o vaso do banheiro só com a urina do John. Mas eu só soube que o John estava por aqui muito depois de chegar do trabalho e após passar todos os sintomas da chamada "***Síndrome de John***" - doença que me atinge toda vez que eu chego em casa, e que eu defino como aquilo que você não deseja a um inimigo seu, mas ele deseja pra você, entende? É isso. Eu torcia toda noite pra que ele não viesse. Toda aquela catinga, aquele cheiro de erva, aquelas borras de cigarro pelo chão. Mas, estranho, olhei por toda a casa e não vi nada. No entanto, aquela sensação de que havia alguém ali me incomodava. Continuei a esquentar meu jantar. Minha alegria não demorou muito, Zé. Quando abri o freezer para pegar umas pedras de gelo para meu suco...quem estava lá? Todo branco, congelado, com aqueles olhos de peixe de supermercado de bairro, mais enrugado do que sanfona e batendo os dois únicos dentes? É isso mesmo. Era o John. Pois eu lhe digo e repito o **John Lennon esteve aqui ontem à noite!.E "on the rocks roll?"** Logo que o vi, tirei ele do freezer e o coloquei dentro da pia

da cozinha. Abri a torneira e esperei ele descongelar, mas não teve jeito. Então, enfiei-o no micro-ondas e deixei ali em temperatura alta por uns trinta minutos e só o tirei de lá quando começou a fumacear e a cheirar queimado. Infelizmente as pessoas ainda não vêm com aquele rótulo obrigatório que se coloca hoje em dia nos produtos, nem com o carimbo do S.I.F., senão eu saberia o tempo certo de degelo. Também o meu micro-ondas não tem no seu painel, que dá um valor, além do tempo e nível de intensidade para os alimentos o grupo: "Homens". Logo que ele saiu já foi dizendo: *Meu amigo Jota, esse seu microondas é muito ruim, você devia reclamar contra a fábrica junto ao Procon. Se bem que ele me deu uma idéia para fazer uma canção que vai se chamar Smoke get in yor eyes!* Eu não me contive e disse que essa música já existia desde a década de 1950, ao que, de imediato, ele respondeu: *Mas isso é plágio, pô!* Pois, acredite Zé, ele nem tinha feito a música e já era plágio, é mole? Depois de molhar todo o meu tapete e meu sofá, John, todo descongelando, me pediu um scoth on the rocks duplo pra esquentar. Eu o servi. Pediu-me uma roupa e keds secos. Eu lho dei. Pediu-me um charuto aceso. Eu lho dei. Mas parei por aí, porque você há de convir que a gente não pode fazer tudo o que ele quer, é ou não é? John deu uma lenta baforada no charuto e começou a me dizer mais ou menos o seguinte: *"O sonho ao qual me referi não é o sonho que a gente tem pra jogar na loteria, aquele que se tem pra adivinhar os números da mega sena. Também não é o sonho a que Freud se referia. Afinal nem tudo é sexo, tem muito de sexo, claro, mas nem tudo é sexo, talvez uns 99% só. Mas chega de complexo de Édipo, complexo de não sei o quê, chega de ser tudo tão complexo, sejamos, pois, simples. Você Jota, acredita que se você sonhar com banana dá macaco no jogo do bicho? Bem, Freud tá ficando desacreditado, pegou mal aquela mania que ele tinha de ficar lambendo o charuto, como se fosse um objeto fálico, hein? Foi quando ficou famosa a frase:" teoria na pratica é outra coisa ". O sonho que eu me referi é aquele que as pessoas têm quando desejam alguma coisa, é o sonho de realizar, de ser, de fazer, de se alcançar a auto-estima. Não acredite em sonho, Jota, senão você não dorme.* Confesso que ele me pegou novamente com aquela lengalenga,e interessado perguntei:- "Fale mais dos sonhos, John.".Ele bocejou e me disse:-*Exatamente nisso que eu pensava. No entanto, para falar em sonhos preciso dormir. Por falar nisso, me deu um sono, cara. Seguinte, esse sofá me dá dor nas costas, vou dormir lá na SUA cama".*John terminou esse papo recitando a frase *"Se o homem buscasse conhecer a si mesmo primeiramente, metade dos problemas do mundo estaria resolvido".* Bem, eu sei que essa frase, além de não ter nada a ver com o assunto, foi o John Lennon, verdadeiro quem falou, porém nem ousei discutir com o nosso John. Antes que eu falasse qualquer coisa, John foi para o MEU quarto. Assim, pra não ter uma discussão e acordar os vizinhos, dormi na sala. Pelo jeito o John comeu muito daquele bolo aí no seu apartamento, pois a quantidade de gases que ele soltou durante a noite não foi brincadeira. Caro Zé amanhã, se ninguém

acender um fósforo aqui dentro de casa, a gente se fala. Abraço, Jota.

Caro Jota, eu bem sei o que você anda passando com John e o quanto ele tem modificado nossas vidas. Pensando nisto, resolvi falar seriamente com ele. Voltei para casa o mais rápido que pude, queria falar com John logo que ele acordasse. Cheguei bem cedo aproveitei que ele estava na cama pronto para o seu café da manhã. Foi difícil, mas acordei-o e expliquei que tínhamos que conversar. Ele me perguntou se não poderíamos esperar a hora do almoço. Eu disse, **"não!"**. Ele já ia voltando para a cama quando eu o detive e reproduzo aqui a conversa que tivemos e os fatos dela decorrentes:
-John, eu não agüento mais viver assim, este apartamento está pequeno demais para nós dois.
*-Por mim tudo bem...*Ele começou a escovar os dentes, ainda deitado na cama.*-Euch cha bem ascho...(*CUSPE). *Noósh pudia..(*Boca cheia de pasta), *aumenshtar a shala..(*CUSPE). Disse John começando a escovar os dentes com uma escova sem cerdas.
-John, quer por favor cuspir na pia e não no meu travesseiro. E depois, essa escova não tem mais cerdas. Eu disse.
*-Que diferença faz, minha boca não tem mais dentes...Tá bom eu pego outra.*Assim fez e continuou escovando o seu único dente aquele que ele ainda guarda num copo ao lado da cama.
-Um de nós precisa sair daqui. Eu sinto muito John. Fui direto com ele.
-Tudo bem. Quando sair tranque bem as portas. Você não imagina o que tem de maluco por ai. Ele me abraçou e disse "Adeus" e já ia virando para o outro lado na cama.
-Não sou eu quem vai ter que sair John! É você!!!
-Assim?! eu acabei de levantar. Depois de ser arrancado da cama sem nem ter tomado meu café da manhã.Olhe lá fora, sol ainda nem apareceu.
-Nem vai. São oito horas da noite! Sol só vai nascer daqui há pelo menos outras oito horas.
*-Puxa vida! esse horário de verão confunde mesmo a gente.*Ele me disse.*-Estou começando o meu dia e você me tira da cama bem no meio da madrugada, só pra se despedir de mim.*
-John, nós somos amigos, mas eu confesso que não posso mais viver ao seu lado.
-Tudo bem, tudo bem. Ele me disse.-Eu posso compreender.Não precisa dizer mais nada. O mundo é assim mesmo Zé, não se culpe. As pessoas só pensam cada vez mais nelas mesmas.
-Eu não penso apenas em mim. Não foi isso que eu disse...
-Eu sei o que você disse. Quer por favor me passar aquela mala. Vou arrumar as roupas...
-Escute John, você não precisa sair assim tão depressa, pode esperar até amanhã...ei,espera ai! Essas roupas são minhas e não suas.
-Ué! Você não disse que um de nós ia ter que sair? Estou ajudando você a arrumar as malas...
-Eu não vou a lugar nenhum!

-Não complique as coisas Zé! Você me acordou no meio da madrugada para dizer que não consegue mais viver comigo e agora já está mudando de idéia, tenha dó.Ou sai ou não sai, decida!
-Você é quem vai sair! Eu gritei.- E agora. Você é quem não está entendendo nada, John. O apartamento é meu, a comida é minha, essa cama é minha e, pensando bem, essa escova de dentes também é minha!!!!
-Tudo bem.Eu já compreendi. Por favor, me passa a mala. Dá para ajudar na arrumação das minhas roupas? Disse John saindo da cama.
-Dá. Eu disse a contra gosto mas, certo que tinha feito a coisa correta.
-Pode me passar a minha cueca.Ele apontou para uns trapos.
-Está cheia de buracos.Eu disse.
-Não faz mal...a vida é um buraco.Ele respondeu-me.
-Escute John, você não precisa ficar assim...
-Não. Eu tô legal, Zé. Podes crer. Será que você pode pegar o meu chiclete que está sob a mesinha.
Eu botei a mão lá e enojado peguei alguma coisa gosmenta.
-Toma, tá ai o seu chiclete. Nossa que coisa repugnante.
-Justamente esse é ***o meu*** *chiclete! parece meleca de nariz. É que eu guardei de lembrança*.Enfiou na boca e começou a mascar.- *Puxa ainda me dá a mesma sensação.*
-Isso é nojento.Falei sem poder me conter.
-Eu também acho, por isso adoro.Toma, pode ficar com você, já tá amaciado, faz doze anos.Por mim, nunca mais vou guardar lembranças de ninguém.
-Desde quando chicletes com jeito de meleca de nariz é lembrança?
-Desde o dia que eu apareci aqui, Zé. Eu chorei muito quando eu já não tinha mais amigos e bati na sua porta.
-Desculpe, John...Eu nem me lembrava desse dia...
-É que eu bati feio, ó três pontos aqui na testa e pá em cheio no nariz, daí a meleca/chicletes,chicletes/meleca, entendem a ligação? Não se chateie eu tava meio ligadão...foi depois de ter subido na torre de alta tensão...".
- Desculpe-me John...Não é nada pessoal....
- Não se preocupe. As pessoas estão sempre se livrando de alguma coisa. O que é a existência senão um receber e abandonar constante? Primeiro a barriga da nossa mãe. Recebemos proteção, segurança, isolamento termo-acústico, banheira aquecida, transporte gratuito, comida por canudinho. Depois, somos expulsos de lá. Abandonados na vida. Somos obrigados a aprender a andar. Lembro dos meus primeiros passos. Ainda inseguros, as perninhas cambaleantes, mãozinhas estendidas para o papai, finalmente saindo do colo de mamãe..., e eu nem tinha completado dezoito aninhos ainda e já era jogado do colo da mamy.... Assim, tudo vai ficando pelo caminho...Fraldas sujas, chupetas, bolachas mascadas, xixi, cocô. Vamos abandonando a criança que havia em nós, dizendo adeus às bolas de meia, às brincadeiras de corre-corre. Dizemos adeus ao "campinho" de peladas e as peladas do campinho, os "lances" da professora, adeus a Mariazinha Trás-

do-Muro, adeus campeonato de peidos, arrotos, revistas de mulher pelada, punheta.... Adeus lado bom da vida. Vamos abandonando todas essas coisas maravilhosas...a nossa escola primária, deixando a criança, obrigados a trocar nossos objetos pessoais, o babador e o cadeirão, só para servir o exército (CHORO CONVULSIVO - JOHN ASSOOU O NARIZ NA MINHA CAMISA). "Born free! Theme from Elza´s story". Ele gritou.
Eu confesso que comecei a ficar comovido com aquelas palavras, você conhece John quando fica sentimental.
-Chegar e partir...só lembranças nos restarão. Ele disse enquanto enfiava a sua décima cueca dentro da mala, igualzinha as demais e com os furos nos mesmos lugares.- *Depois, vem a adolescência, o período da rebeldia. Enquanto pensamos em fugir de casa, nossos pais* ***querem*** *que fujamos de casa. Aí, vem o primeiro cigarro e a primeira tosse. O segundo cigarro e a primeira internação com asma, o terceiro cigarro e o primeiro processo por porte ilegal de drogas e aqueles malditos cães de nariz frio...Receber e abandonar...é isso Zé, eu compreendo a sua situação. Eu também já tive que deixar muitas coisas das quais me sentia preso...mas fui ajudado...meus amigos conheciam um carcereiro subornável e o muro do presídio não era tão alto...mas e você?*
-Sim e eu? Disse já caindo em prantos sobre os ombros de John.
-Você vai ficar bem Zé.Claro que não poderemos mais jantar juntos as quatro e meia da tarde...Sabe Zé parece que foi ontem que eu entrei aqui e comi toda a sua lasanha e tomei toda a sua cerveja...
*-E foi mesmo!!*Cai em prantos.-*Você teve azia a noite toda e ainda tem garrafa espalhada na sala!.* Eu disse ao John com a voz embargada de emoção.
-Não ligue amigo. "De tudo fica um pouco..." Disse Drummond.
-No..se...seu caso... (Choro) ... Seseria me...melhor dizer de tu..tudo fi..fica um ***PORCO****!.* Eu conclui com esforço.
-Eu sei Zé o que é a dor da separação.
-Sabe?
-Sei. Tiveram que me separar de parte do meu cérebro quando tive aquele acidente de motocicleta. Mas, só aquela parte que coordena as funções fisiológicas...Eu estarei por ai...em cada mancha de molho nos lençóis, nos quais limpei a boca, em cada marca de dedo no papel de parede, em cada meleca grudada sob a mesinha de centro, em cada toalha de rosto que eu usei por absoluta falta de papel higiênico, em cada cuspida no canto da sala, em cada peido sob o seu cobertor de lã.E por que não dizer? em cada pentelho que deixei na sua escova de dentes, tanto que tinha dias que você sai daqui com um bigode a mais depois de escovar seus dentes. Perdoe-me, eu deveria ter avisado...
-Você alisou seus pentelhos com a minha escova dental? Disse sentindo-me totalmente recuperado, e vendo crescer um certo ódio, a "Síndrome de John", estava de volta.E pensei:"A síndrome de John é a que afirma: Aquilo que você não teria coragem de fazer a um inimigo seu, mas que ele faria com você".

*-Alguma coisa tinha que dar fim aos parasitas que peguei da Zilda.*Ele retrucou.
-Miserável, você passou algum parasita para a Zilda?
-Se ela tomou as pílulas regularmente, não.
- Animal!
-Sim.Vejo-os aos milhares. Tenha cuidado Zé. Vou dar esta cueca de lembrança para você.Será o símbolo da nossa amizade.
-Obrigado, John, mas esta cueca já é minha.
-Mas, os buracos nos fundos são obra minha, involuntários, confesso, porque às vezes não dava tempo de tirar a cueca e o seu tempero é muito forte. Pois bem, então fique com o casaco.
-Também é meu, minha mãe que fez os arremates.
-Mas eu fiz os furos de cigarro.Lembre-se Zé:estamos sempre em movimento. Tudo vem e vai, tudo vai e vem...Se um dia precisar de mim basta acenar esta cueca e eu virei correndo em seu socorro.Adeus.
Dizendo isto ele saiu. Ouvi apenas a porta batendo. Confesso, caro Jota, que me senti muito mal e cai em prantos. Chorei agarrado naquela minha cueca, e todos os buracos me lembravam John. Chorei porque nunca tinha estado **tão feliz** na minha vida. Chorei porque eu não acreditava que tinha me livrado do John. Abri as janelas e gritei: Estou livre! Venha o que vier eu estarei pronto para receber! Olhei para cueca ainda na minha mão e achei que deveria me ver livre da minha última ligação com John, atirei a cueca bem longe pela janela.
Instantes depois, a porta se abriu de sopetão e John entrou trazendo a cueca, disse:*-Eu ouvi o seu chamado, ou o seu cheiro, amigo. Então, me receba! Lembre-se Zé, tudo vem e vai; vai e vem. Então que venha uma latinha cheia de cerveja que eu já mando outra vazia de volta, hehehe! Sobrou lasanha?* Até mais, Zé.

Prezado Zé, que bom pra mim! O John, de tanto ir e vir, foi e ficou com você.Creia, a noite passada foi uma das melhores que tive nos últimos anos. Tudo a ver, claro, com o não aparecimento de John por aqui. Você é um cara muito legal Zé, muito humano, muito compreensivo, enfim, você é amigo mesmo. Eu é que devo agradecer o seu convite para o John ficar mais uma noite com você. Se bem que, confesso, até senti um pouco essa ausência. Mas esse sentimento já passou. Eu esperava que essa noite pudesse ser tão boa quanto a anterior, mas, estava difícil dormir, pois, o barulho que o meu vizinho, antes sempre muito discreto, estava fazendo não me deixava dormir. Já passava das duas horas da manhã e o barulho não parava. Era um falatório danado. Móveis eram arrastados, batiam-se portas, derrubavam-se coisas no chão, enfim, estava insuportável. Eu já estava quase indo bater na porta do meu vizinho, quando alguém começou a cantar Dont't Let me down. Era uma voz esganiçada, totalmente desafinada, às vezes atonal, uma aberração...êpa! um frio percorreu todo o meu corpo:

- Não, não pode ser...não é possível...essa voz é a do John...mas como? Só pode ser ele...essa voz só pode ser a dele....

Resolvi, com a ajuda de um copo, escutar o que estava acontecendo lá do outro lado. Só podia ser o John. Resolvi bater na parede geminada do meu vizinho, o Billy Jean, assim chamado pelo John. Do outro lado vieram outras batidas totalmente descompassadas...aí eu tive certeza, era o John. Não precisei esperar muito, logo em seguida tocaram a campanhia. Eu atendi. Era o Billy.

- Seu Jota, desculpe o adiantado da hora, ainda bem que o senhor está aí. O seu amigo John me pediu pra ficar em casa até o senhor chegar, mas não consigo tira-lo de lá de dentro desde as 4 da tarde. O Sr. precisa me ajudar.

- Claro, seu Billy, digo, Amarildo.

Bem que eu quis dizer que não o conhecia, mas não tive outra alternativa e fui buscá-lo. Ele entrou no meu apartamento cantando "With a litle help from my friends", a toda voz. Quase todo o prédio acordou. Alguns vizinhos gritavam: Vou chamar a polícia! Cala a boca seu ...!Bem, tão logo entramos,enfiei uma esponja de lavar loucas na boca dele, que a espuma da esponja quase o sufocou. Ainda bem que o sabor do detergente era de coco e o John não resistiu e comeu toda a bucha com bom-bril e tudo. Só pude ver o que tinha acontecido quando ele deu um arroto e expeliu um monte de felpas da palha de aço por toda a cozinha.

- John, que você já perdeu o juízo eu sei, mas levar outros com você não da né? Assim nem o Zé e nem eu vou suportar.

Ele retrucou.

- Caro Jota, a vida é pra ser vivida, espremida e cuspida.

- Mas John, o Billy é gente boa, só foi preso uma vez por coisa pouca, porte ilegal de arma, uma metralhadora AR-15, nada mais.

- Eu sei Jota, mas as minhas armas são a poesia, a música e a filosofia, entende? Pra você é difícil compreender isso, você é muito normal, é previsível, é sempre igual, não muda. Quando foi a última vez que você fez uma loucura? Foi quando se casou pela primeira vez, depois disso, nunca mais. A não ser a loucura de se casar pela segunda vez. Se bem que as separações eu acho até que podemos considerar lucidez. Você é capaz de se lembrar de algum fato interessante da sua vida nesses últimos anos? Aposto que não. Sabe por que? Porque tudo sempre foi igual, nada do que você fez foi extraordinário, ousado e pirado. Você só fez o que todo mundo faz. Pense nisso, Jota.

-Sabe que você até tem razão, John. Mas como mudar agora?

- Simples Jota: seja aquilo que você gostaria de ser, faça o que quer fazer e fale só que quer falar.Pare de reter na sua

mente tantas bobagens que dizem que são importantes, assim como o nome completo de D. Pedro I, quais os afluentes do Amazonas, quem foram os donos das capitanias hereditárias, qual a tabela periódica dos elementos e os números imaginários, por exemplo?

Zé, eu não me controlei e fui às alturas, e possesso falei:

- É isso mesmo, John. Vou começar agora. Desapareça daqui e não volte nunca mais, você tá deixando a gente doido, cara! Suma!Você tem sido um atraso na nossa vida!

- Calma Jota, não precisa levar tão a sério isso, pô! Foi um exercício de lingüística, uma tese que eu estou desenvolvendo sobre inteligência emocional e, coisas que a gente vê todo dia nas novelas da TV, nos filmes americanos, nos programas esotéricos, nos palanques da Câmara, do Senado...

Interrompi o falatório.

- Cala a boca John!

Ele emendou.

- Concordo Jota. Já falamos demais. Vamos comer alguma coisa que esse mão-de-vaca do seu vizinho não me deu nem um pedaço de pão amanhecido.

- Tudo bem John. Vamos aproveitar pra falar sobre tudo o que tá acontecendo. O Zé já expulsou você da casa dele e não adiantou. Será que eu vou ter que mandar internar você?

- Não precisa Jota. Eu mesmo me interno. Não se preocupe. Eu tô precisando perder uns quilinhos mesmo. Acho que um SPA seria muito bom pra mim.

- Quem falou em SPA, John?

- Ora, você sabe que eu não gosto de dar trabalho e muito menos prejuízo pra ninguém, mas já que você insiste, tudo bem!

- Eu tô falando de um manicômio, um hospício, um hospital psiquiátrico, John.

- Eu sei que esses são mais caros, mas eu não me incomodo não, desde que eles sirvam refeição macrobiótica e me deixem fumar meu baseadinho numa boa, tô dentro.

Eu não acreditei no que ouvia. Olhei para o alto e quase em prece, dizia pra mim mesmo, porque para o John não adianta falar.

- Desisto, acho que vou ter que chamar uma ambulância...pra mim.

Caro Zé, eu pensei que John fosse a favor da contra-cultura, mas ele é contra **a cultura**, aliás, ele é contra tudo que há de racional. Até mais. A gente se fala amanhã. Abraço. JOTA.

Caro Jota, depois de minha última mensagem e do que você me contou, acho que também estou à beira de um ataque de nervos. Da última vez que **John Lennon esteve aqui** disse que falou com você sobre ir passar uns dias num SPA, Sociedade dos Pirados Anônimos. Diz que você o convenceu a fazer regressão, ia tentar uma viagem astral:

-Cara! O Jota me convenceu de uma tal viagem astral.Disse que eu tenho que voltar a infância para descobrir os meus problemas, por isso eu vim até aqui falar com você.

*-O que eu tenho com isso?.*Perguntei.

-Nada!eu só vim pedir uma mala emprestada. Um trocado para comprar a passagem. Ah! será que eu podia preparar um lanche bem reforçado? Quando eu disse que sim, ele primeiro começou a se despedir de mim, chorou muito. Depois, me perguntou se eu tinha um mapa para emprestar e se conhecia algum lugar bacana do **meu passado** para ele dar uma voltinha por lá. Insistiu até para eu dar um nome de algum conhecido para que ele pudesse ficar na casa dele uns dias. Até se ofereceu para levar algum pacote para mim se eu quisesse. Eu não agüentei, Jota. Comecei a tremer estava a ponto de perder o controle.Contei até dez e disse:

-John viagem astral é feita sem sair do lugar, não é preciso mala, não tem que comprar passagem e nem se toma nenhum veículo.Basta um divã, ou melhor, sentar numa poltrona e pronto.Entendeu!?

Ele coçou a cabeça, pensou, pensou e depois de algum tempo me perguntou:

Zé, será que pelo menos vão me deixar sentar do lado da janelinha?

Mas, deixe-me dizer, meu caro Jota, sinto muito estar incomodando, mas que fazer? Aliás, **John NÃO esteve aqui ontem à noite**. Isso mesmo. Eu nunca pensei que ia me preocupar, mas você sabe o quanto me apego fácil aos animais, tão logo entrei senti...ou melhor dizendo, **não senti** a presença de John. Não senti o cheiro dele, não senti o cheiro do "cigarrinho" dele, não senti as roupas dele no meu caminho.John não estava em lugar nenhum. Não havia vestígios dele. Eu posso jurar. Por incrível que possa parecer pela primeira vez desde que John passou a me visitar, encontrei comida em casa, na dispensa, na cama, no banheiro, no Box, dentro do CD, na TV, enfim, em toda casa, já que John anda com o prato na mão. Acredite, achei comida até na geladeira! Cervejas? Sim, achei cervejas e

creia, Jota, nas garrafas! Até a ração do Joe Cocker havia sido poupada e o osso deixado sem roer. John tinha sumido e suspeitei de algo muito grave quando achei um sabonete usado, pouco, mas usado, no banheiro e uma tolha úmida que só mais tarde descobri não era marrom terra e sim branco pérola, pendurada para secar. Tive medo, confesso. Teria John arriscado a própria vida tomando um banho? Teria ele quebrado o seu jejum de 35 anos e experimentado água ao invés de cerveja? John não tocara em água desde que fora obrigado, agarrado à força no dia do seu batismo, há três semanas atrás. Os piores pensamentos passaram pela minha cabeça. "*Será que foi a conversa que tivemos ontem á noite*?" pensei. Ele tentava me convencer a lhe dar um pedaço da minha torta, depois de ter comido a dele. E eu já estava de arma em punho quando ele disse:

-A vida é sonho, Zé. E eu sei que a qualquer momento vou acordar e a realidade vai ser bem pior...". Pensei comigo o que um sujeito não faz para ganhar um pedaço de torta.

- Tudo bem, John, pode ficar com a minha torta, eu não quero mais... .Ele me olhou, virou para o lado e disse:

- Você tem razão.Eu sempre estou querendo o que não me pertence..., não vou querer o que é seu. E mesmo assim pegou a minha torta. *- Eu tenho que ser o que sou. Tenho que encarar a verdade*. Disse ele com olhar distante e mastigando a torta. E emendou:*- Esta torta está mesmo uma porcaria*.

- Pensei que você falava que a vida é sonho.Falei tentando distraí-lo, quem sabe não me sobrava um pedaço de torta.

- Há verdades e ninguém é capaz de renegar quando escuta, verdades incontestáveis que são gritadas ao mundo a todo o momento como:"Pamonhas,pamonhas,pamonhas...pamonhas de Piracicaba!". Ou pensamento filosófico que nos socorrem, muitas vezes, de modo inesperado, me lembra de um deles que eu repeti dia desses quando a televisão quebrou: "Ainda bem que tem lojas CEM".
-Foi quando você quebrou a TV John.
-Por um motivo justo! Televisão só estraga a nossa cabeça, é preciso melhorar...
-...O fim das novelas...Eu sei. Foi por isso que você quebrou a ***minha*** *TV, muito justo.*
-Está vendo Zé, isso só prova o quanto eu sou um fracasso.
-Não é não, John, você fez um bom trabalho com a TV, o Tarcisio Meira não vai andar nunca mais e o Tony Ramos finalmente se livrou daquela cabeleira no peito...
-Eu sei que sou um fracasso...Errei com Mc Cartney; com Ringo e com Harrison...Errei com Ioko...Errei com Curt Cobain...
-O Curt Cobain morreu com um tiro...
-Então, esse eu acertei...Deixa de fora. Mesmo assim errei muito.
-Por que você diz isso agora John?

-Porque fui eu que tentei fazer essa torta de presente para você, Zé. E de repente John teve um soluço e começou a chorar dizendo: - *Não, não...*E depois, com o nariz entupido, e eu nem posso dizer que é alergia, pois você sabe muito bem que John anda cheirando muita coisa.- *Dão, dão e dão...Snif!*
-Ninguém acerta sempre John, eu mesmo tentei fazer um molho rose outro dia e...
-Bossê dão entende...Shurf! Assoou o nariz na minha camisa novamente, eu até já estou me acostumando, tão logo ele começa a chorar eu já dou a ponta da camisa para ele.- *Eu dero ser bom, mas dum consigo...Buá*! John chorava copiosamente, as azeitonas da torta já estavam flutuando.- *Eu vou procurar a Ioko e juntos vamos encontrar "a salvação pelas águas". Zé, eu quero que você fique com meu chiclete.*
Percebi que era sério, John nunca se separou dele. Exceto para pregar na cadeira do assento do cinema da Courtey Love, a "polaca" pistoleira que exibe filmes pornô na Boca, mas que John insiste em chamar de Courtney Love.
-Eu quero dizer umas palavras para você que eu mesmo escrevi Zé. Olhe só. Eu conferi, era dele mesmo...saudade estava escrita com "ç" e abraço com "SS". Ao lado vinha traduzido para o inglês pela Ioko, ou melhor, a Verinha, a carta tava até cheirando laquê, só podia ser dela, fez curso de inglês com um inglês, e pelo jeito as palavras que ela aprendeu não era o que se esperava, por exemplo: "FATHER", ela escreveu com FO no começo. Ele continuou:- *Ao beu amigo Zé e Jota...Snif!Argh, ronc, ronc, (tosse) Não pergunte o que o mundo bode fazer por bocê, mas o que bocê pode fazer pelo mundo.(Dont`asque o que o world fhom the make for you, but...), Ontem eu tive um sonho...(I have a drink...), O mundo precisa de amor...(De world need Love`s motel...), você desce redondo, adoro você a vista com desconto ou em até dez vezes, amigo Zé.(I like eiou, friend Zé).*E ele acabou aos prantos.-*O que bocê achou?* Ele me perguntou.
-Hã, ham, ham...(Limpei a garganta, enquanto ele me olhava ansioso) Muito...muito...muito emotivo, obrigado John. Abracei-o, a torta estava perdida, a camisa também.
*-E ...eu fiz sozinho...Tirei tudo daqui ó...*Apontou a cabeça.
-Eu acredito, é sincero.Tive vontade de dizer: *"John quando for dar descarga, deixe seu cérebro longe do vaso sanitário, senão... Adeus!".*
Levantando-se ele me disse:- *Zé eu vou mudar.*
-Eu acredito que vai mesmo. Boa noite John. E saí, senão ia acabar rindo na cara dele.E se agora estou enviando esta mensagem para você Jota, foi só porque encontrei finalmente um bilhete dele, engordurado de torta, dizendo:-*Zé como eu prometi,a partir de hoje, estou mudando...Pra casa do Jota. Não o avise, quero fazer surpresa."* ***Açinado:*** *John.*
Acredite se puder,Jota. Tchau. Zé.

Prezado Zé, realmente tá muito difícil agüentar o John. Eu acreditei que, além de regressão, talvez desse certo tentar outras formas de terapias que pudessem ajudar o John a

entender as coisas e deixar de ser um “mala-sem-alça”.Ocorreu-me, por exemplo, leitura das cartas. Eu disse ao John:

-Hei, John, você poderia ver seu passado, presente e futuro nas cartas. Você sabia que as cartas não mentem jamais?

-É mesmo Jota, grande idéia. Mas, além de não mentir, será que elas dizem a verdade também? Vamos começar logo, acho que elas poderiam ser enviadas por Sedex ou e-mail, o que você acha?

- John, não seja estúpido. Essas cartas que eu me refiro são aquelas cartas que as ciganas lêem.

-Tudo bem, é melhor mesmo que elas leiam, você sabe que desde o primário eu não sou muito chegado em leitura mesmo.

- *John, cheguei a conclusão que você é um caso perdido.*

John ficou com a voz embargada e muito emotivo, retrucou:

- Não fale assim, Jota, você sabe que eu tento me encontrar, mas não consigo. É como brincar de cabra-cega. Eu me procuro atrás do guarda roupa, embaixo da cama, dentro do fogão, por todo lugar, mas não me encontro. Outro dia, depois de uns três anos procurando, encontrei o meu chiclete guardado no armário da cozinha junto com duas baratas mortas. Depois, achei meu ursinho de pelúcia, que eu não via desde o verão passado, hibernando dentro do freezer, mas eu não consigo me encontrar em lugar nenhum.

-John, se um dia você se encontrar vai ser uma “porrada” tão grande que vai ter americano desesperado pensando que é 11 de setembro.

-É verdade. Acho que o dia que eu me encontrar vai ser muito marcante pra mim.

De repente, John ficou contemplativo olhando fixo pra a geladeira e continuou falando:

-Vai ser legal poder contar tantas novidades pra mim mesmo. Contar as dificuldades que eu estou tendo pra morrer assassinado em frente ao Edifício Dakota, falar do meu amor pela Yoko, contar que eu conheci o Bob Dylan, o James Taylor, a Barbra Straisand, a Jeanne é um gênio, a Feiticeira, Lippy, o Leão. Vai ser bom contar pra mim sobre os momentos que passei com a Janis Joplin e o Jimmy Hendrix em Woodstock, fumandinho aquele baseado. Cara, eu vou voltar no tempo agora, me empresta um vale transporte que eu vou pegar o primeiro ônibus que passar aí na frente.

-John, caia na real. Você tá delirando. Isso não vai dar certo! Talvez desse resultado se você fizesse a chamada urinoterapia, aquela em que os adeptos bebem urina. Quem sabe sua cabecinha melhorasse?

–Boa essa Jota, mas eu vou ter que colocar os óculos porque eu não consigo enxergar direito e posso urinar fora do pinico e respingar na minha cara.

Depois dessa, desisti também, meu prezado Zé.

Quando eu pensei que a conversa tinha terminado e que o John iria embora, ele virou-se para mim e disse: .

–Jota, tive uma idéia. Que tal eu me tornar uma estátua viva e ficar lá na Praça Liverpool, imóvel, em cima de um banquinho?

–Pra que isso John?

–Pra fazer uma análise das pessoas que passam.

–Você é que tem que fazer análise, John. Ninguém. em sã consciência, pensa numa coisa dessas. Só você.

John, nem me ouviu e continuou.

– Poderei, depois,escrever uma canção sobre isso. Muitos vão parar pra admirar meu belo físico. Já pensou que legal as pombas pousarem no meu ombro e cagar na minha cabeça? E eu ali, paradão, mal respirando.

–John, da sua cabeça, que só sai merda, agora vai ter enfeite de cocô de pombas, também?

–Você não entendeu a profundidade do tema, Jota. Visualize a cena. Pessoas solitárias, casais namorando, velhos aposentados, crianças correndo e mijando nos meus pés, a chuva caindo torrencialmente...cara! seria uma experiência fantástica. Isso me inspira a fazer uma música. Poderia começar assim: All look at all the lonely people...Eleanor Rigby é um bom nome, você não acha?

- *Eu não acho mais nada, só estou perdendo meu tempo.Se eu falar que essa música já existe você não vai me ouvir mesmo, vai?*

- *Não, não vou.*

- *Então...*

Caro Zé, não dá pra ficar calmo com um cara desses,dá? Abraço. JOTA.

Caro Jota, o John está mesmo louco. Ontem ele pareceu em casa, sim **John Lennon esteve aqui ontem á noite**...Como cheguei muito cansado, entrei pelo escuro e pretendi ficar assim mesmo, não queria que "você sabe quem?" soubesse que eu estava em casa. Fui caminhando lentamente pelo escuro, até que pisei em alguma coisa mole.Cheirei o ar. "*Inferno!.*" Pensei."*Pisei*!".*–É você Joe Cocker?* Perguntei esperando ter pisado no meu cachorro dormindo no tapete ou em alguma coisa do meu cachorro. Mas já estava procurando algum tapete de grama para raspar os pés, o cheiro era danado.

-*Naummm*!Respondeu a coisa mole sob meus pés, era quase um latido, mas não era Joe, era John.

-*O que você está fazendo aí*? Disse eu acendendo as luzes.-*Você sabe que horas são?*

-*Nem vou saber você pisou também no meu relógio*. Ele se levantou e do jeito que apoiava o baixo ventre, creio que se o sonho não acabou, o "semem" acabou para John.
Mas, se para ele doeu aquela pisada, para mim foi um soco no estômago olhar meu apartamento e vê-lo cheio de entulhos. Então, compreendi que havia coisas que poderiam cheirar pior que o próprio John.Havia de tudo ali, um verdadeiro lixão a céu fechado por gesso velho e bolor do teto.

-*O que é isso*?

-*Restos Uf!Auf!...*Ele me disse enquanto me pedia que dobrasse e esticasse as pernas dele.-*Puxa Zé Auf!, você tem um sapato bem resistente Uf!*

-*E vou usar de novo para botar você fora daqui junto com este lixo.*

-*Não é lixo...é resto. E a propósito, acabo de achar o relógio que estava procurando quando você me pisou.* Ele pegou um monte de peças que se desprendeu no ar, soltando parafusos minúsculos, circuitos e o que deveria ter sido um leitor visual.
-*Melhor assim*. Disse-me.
-*Eu estava mesmo querendo economizar tempo, agora vou ter que parar de perder tempo. E toma Zé, pode ficar com o monitor das horas e leva os segundos de troco para você também. Você vive dizendo que gasto seu tempo comigo, toma como parte do pagamento. E vou levar esta corda para o Jota, da última vez ele disse que andava perdendo tempo comigo, se ele amarrar bem amarrado...Eu da minha parte já estou economizando tempo. Aliás você tem um cofrinho ai?*

-*E por que você quer um cofrinho?*

-*Poupança de tempo, ué! Coloco todo meu tempo no cofrinho, abro uma caderneta de poupança e pronto. Quando me aposentar aproveito meu tempo, não é assim que se diz? Se tempo é dinheiro, começaremos a fazer uma fortuna hoje. Com licença.* E dizendo isso, antes mesmo que eu pudesse esboçar uma reação, ele pegou um martelo e martelou o meu Rolex de aço e ouro.-*Pronto! Agora você também pode guardar o seu tempo.* E colocou num cofrinho-porquinho que acabara de achar no meio do lixo. Eu me sentei. Mesmo no meio daquela tralha toda, para não desmaiar.

*Argh!Fos...Fossê...Você...de...dês...destruiu..O...me..me..meu ...res...Argh!res..ló...gio.*Era só o que eu conseguia dizer.

-Sabe Zé, assim você pára de reclamar que anda perdendo tempo. Agora se você for inteligente, não perde tempo com papo-furado, com gente imbecil, com gente chata, com coisas que não gosta de fazer. Se souber economizar seu tempo, logo estará rico. Pulei no pescoço dele.

-E você morto! Você pensa que é o quê vindo aqui? colocando o seu saco escrotal no meu caminho, enchendo minha casa de lixo e quebrando o meu relógio de estimação e caríssimo?

-Ninguém. Ele me disse candidamente.Sim Jota ele simplesmente me disse: "Ninguém". Eu deveria ter imediatamente colocado John para fora, mas feri um dos dez mandamentos de: "Como se viver livre de John" e perguntei: *Por que?*

-Porque é muito melhor ser Ninguém. Porque sendo Ninguém, ninguém presta atenção em você. E como Ninguém é ninguém e, Ninguém é de ninguém, ninguém vai ligar pra isso entendeu?
-Não.Disse e minha face era de um homem a beira de um colapso.

- Se você é "alguém" as pessoas procuram por você para pedir favores, emprestar coisas, dinheiro, quebrar galhos, flertar com a sua mulher, invejar o seu emprego, seus filhos, seu carro, sua coleção de tampinhas, suas verrugas. Todo mundo quer ser alguém e, como poucos conseguem, acabam por incomodar quem é "alguém na vida". Mas, quem se preocupa com ninguém? Exatamente nin...guém! Eu!

- E para que "Ninguém" precisa economizar tempo e tanto lixo? Perguntei apontando o lixo por quase toda minha sala e quase toda minha casa.

-Isto é lixo de...

-Ninguém! Já entendi.Eu disse a John.

-Você está ficando inteligente Zé.E quanto ao tempo, as pessoas se preocupam em estar gastando o tempo de alguém, mas ninguém vai se preocupar com o tempo de "Ninguém". Pois, é isso mesmo, isto é lixo de "Ninguém", e quem se preocupa com ninguém?

-Se você começar de novo com esse jogo de palavras eu juro que mato você, mesmo se você quiser ou não quiser. E creia, ***"Ninguém"*** *vai se incomodar!!!...Escuta John, dá para pelo menos uma vez, uma única vez, você, falar a nossa língua? Lixo é lixo!*

-Não confunda as coisas Zé, resto não é lixo! Resto é o que sobra. Por exemplo: você come restos do almoço ou lixo?

–Restos, claro.

–Você fica com o que sobra do seu pagamento ou com o lixo dele.
*–Com o que sobra é claro, embora nunca sobra...*Nessa hora meus olhos e minha expressão desabaram, assim como os braços caídos ao lado do corpo e, confesso, a silhueta um pouco inclinada para frente, me transformavam numa espécie de zumbi. Eu estava totalmente dominado, quase hipnotizado por John e sua batatadas. Ele começara com aquele jogo de palavras novamente.

–Pois bem, agora você entendeu a diferença. Eu trouxe restos da minha vida e por que não dizer, da ***nossa*** *vida para esta casa. Olhe, ali tem um ursinho de pelúcia, mais ali um livro escolar, um sapato de salto alto...*

–John qual de nós dois usava isso? Espera aí, eu estou vendo um vestido da Zilda aqui e...um sutiã também e... uma calcinha da Zilda aqui...Zilda! Você aqui...e peladona? Você tá um lixo Zilda.
–Resto! O que sobra lembra, Zé. Disse-me John olhando para a Zilda meio sem jeito.*–É sobra da hora do almoço quando você não veio para casa, "sobrou".* Ele me disse singelamente.

Soltei a Zilda que caiu no meio das coisas com espalhafato e confesso até hoje cedo não achei. Aliás, Jota, estou escrevendo para você, só Deus sabe como, pois não acho meus óculos, meus sapatos e para dizer a verdade, nem sei se sou eu mesmo quem está escrevendo ou o John. No final, ele me convenceu que tudo era resto. E pegou o resto do meu dinheiro, o resto do meu creme dental e de barbear, o resto da minha paciência e acredite, o resto do meu jantar. Jota, eu tô um lixo! Digo um resto. Não conte para "ninguém.". Zé.

Olha Zé, o John se acha o máximo, um sucesso, mas se o John é um sucesso ele deve ser lá pras negas dele, porque eu não acho John um astro, nem de longe...e gostaria que não fosse nem de longe e muito menos de perto, também. Ele, quando muito, poderia estar no céu - seria um "buraco negro". Ou melhor, está sempre no buraco. Claro que se você perguntar a ele, certamente ele vai dizer que é o máximo, o maior sucesso. Ainda há pouco estava ouvindo "Yesterday" com o Ray Charles e relembrando os velhos e bons tempos. Por falar, em Ray Charles, você sabe que o John tem o costume de chamar o Genelício, aquele nordestino que fica lá na porta de entrada da Barbearia 3 Irmãos (dois seguram e um corta), de chapéu na mão e óculos escuros, mas que nem cego é, de Ray Charles? Pois é, só porque o coitadinho gosta de ficar, pra sensibilizar os transeuntes, jogando a cabeça pra lá e pra cá, que nem o Ray Charles. O John outro dia queria fazer uma dupla sertaneja com o Rei Charles e O Príncipe Charles...é mole?

Eu estava enrolando, sem coragem pra dizer, mas não tenho mais assunto, então... Você acreditaria se eu lhe dissesse que

“ninguém” esteve em casa ontem? Pois creia, não só o “ninguém” como também o **John Lennon esteve aqui ontem à noite**. E não veio sozinho, mas também a Yoko. O que eles queriam? Até agora eu não sei. Eles foram entrando e sentando no sofá. A Yoko na verdade sentou no chão, como é de costume.Ficou naquela estranha posição de lótus e Ferrari, aquela que ela fica quando vai ao ginecologista. O John foi logo falando:

-Meu caro Jota, nós estamos super antenados com o cosmos...em plena fase Zen. A Yoko está sempre zentada, eu estou zen nada e você zen saída, porque nós vamos fazer agora uma meditação para se comunicar com os nossos amigos extraterrestres.

-John, você sabe que eu não acredito nessas coisas, não sabe?

- Sim, sei. Mas você vai mudar de idéia depois que participar dessa experiência extra sensorial, fenomênica e alucinógena.

- Mas eu não quero, John.

O John sentou-se na mesma posição de Yoko e, de olhos fechados, começou a falar pausadamente:

- Apaguem as luzes. Acendam umas velas. Acendam o incenso.

Claro que eu tive que fazer tudo isso, porque tanto o John como a Yoko não moveram um dedo.Curiosamente o incenso era um legítimo indiano “Made in Colômbia”.

-Mahabaratha? Quis saber perguntando aos dois.

-Matar mata, mas acho melhor usar naftalina. Falou-me John e continuou:

-Agora, meus irmãos, fiquem em silêncio. Fechem os olhos. Comecem a respirar fundo e lentamente. Imaginem que vocês estão leves, cada vez mais leves...Imagine all de pipol no living for tu dei...isso, cada vez mais vocês estão sentindo uma sensação gostosa, um calor que começa a subir pelo seu corpo...

Eu comecei a sentir um cheiro de estrume queimado, seria aquele incenso? Como explicar o cheiro de fumaça? Não precisei esperar muito, não.

De repente a Yoko deu um grito e levantou-se do chão mais rápido que lutador de Kung Fu. Eu só pude ver uma luz, ou melhor, era FOGO. Sentada como estava naquela sua posição de Lótus ginecológica, tive a sensação que Yoko estava dando à luz a um cigarro aceso, ou John errara o cinzeiro, tamanho era o fumaçê que subia dentre as pernas dela.Pior, me pedia para ajudar a assoprar.

*-Eu posso sentir o calor da lu e..., snif, snif (*Cheirou o ar*) e até o cheiro de...snif! snif!Espera um pouco. Yoko! Yoko, você está aí, se estiver, acho melhor mudar de lugar ou trocar*

de calcinha, acho que você deve ter sentado num dos palitos de incenso de novo...(Disse isso, mas continuou no seu lugar.).

A Yoko corria de um lado para outro. Gritando:- *"Relpe-me"*. Eu não sabia se saia correndo porta a fora, se telefonava para os bombeiros, ou para uma parteira que fizesse parto debaixo d'água. O John nem se levantou, parecia em transe e continuou falando pausadamente:

- Eu tô vendo a luz.Eu tô vendo a luz.Eu posso ver a luz!

- Cala a boca John, aquilo é o fogo na cortina. Ajuda aqui, pô!

- Não queira me iludir, Jota. Eu estou levitando, estou me sentindo leve, acredite, estou levitando...

- Levanta daí John e ajuda a gente a apagar esse fogo.

Enquanto Yoko, desesperada, tentava apagar o fogo se enrolando no tapete, John continuava falando, indiferente a tudo. A Yoko fumegava, rolando de lá pra cá e de cá para lá, enquanto eu tentava ajuda-la apontando na sua direção um extintor do prédio, mas ela não parava de se mexer. E o John, nem aí com tudo. Continuava falando.

- Sim, eu sou capaz, meus irmãos. Estou tendo sensações de calor por todo o corpo...que coisa maravilhosa.

- É o calor do fogo seu estúpido. Ajuda aqui, porra!

- Jota, acredite, estou sentindo agora como se estivesse me banhando num rio.

- É isso mesmo, meu caro Zé. Eu não me contive e joguei um balde de água nele.

- Cê tá loco, Jota?

- Não John, sai dessa e vem ajudar a gente. Você num tá vendo que a Yoko tá pegando fogo?

- Eu sempre disse que essa mulher era quente demais, não disse Zé...Minha nossa! Tenho que fazer amor com essa mulher, ela está ardendo...

John se atracou com Yoko ali mesmo.Depois de algum tempo e muita água, consegui separar os dois. Mais uma vez o John conseguiu fazer da minha noite, uma noite inesquecível,aliás,estupidamente,inesquecível. Mais difícil foi tentar dormir com a Yoko com um extintor do lado da cama e o John com um balde de gelo no meio das pernas. Bem, já que dormir eu não consigo, estou importunando você, Zé, afinal, ter um amigo como o John é mais que uma sina é um castigo que nós temos que dividir. Abraço, Jota!

Ah! ia me esquecendo de dizer que o John anda falando que foi abduzido, talvez isso explique o jeito dele, você não acha? Abraço. Jota.

Caro Jota, na sua ultima reunião com John, pelo jeito a “coisa pegou fogo mesmo”.Não posso lhe dizer se ele já foi abduzido, mas creia, depois desse acidente em sua casa, ele quase virou mesmo foi um cozido. Adoraria pensar que se o fogo o tivesse realmente atingido, bem nos fundilhos, então ele seria um CUzido, Rá, rá, rá.Por favor, Jota me desculpe, mas são tão raros os momentos que nos damos bem pra cima do John, que vale a pena comemorar.Acredito que se um dia algum extra-terrestre quiser levar o John, aí sim, eles realmente “vão ver estrelas”. John tem dessas coisas. Inventa estranhas estórias. Você quer mesmo saber? ainda ontem John me disse que estava voltando de uma viagem ao Tibet. Só que pela expressão dele, foi e voltou a pé.Pensando melhor, pelo estado em que se encontrava, como um todo, acho que despencou e rolou do Himalaia até a entrada do meu prédio. Foi quando descobri pra que me serviram aqueles anos de muita paciência, montando quebra-cabeças. Confesso, no entanto, que fiquei um pouco desconfiado da tal estória do Tibet. Por que alguém traria uma “Tereza” como recordação do Tibet? E quando eu argumentei que se um dia tivesse uma chance de ir ao Tibet, acho que nada me tiraria mais de lá. John me respondeu:
-*“Num tira mas se você mudar de idéia pode tentar um **Habeas corpus**“*.
Achei que aquele Mantra era familiar. Perguntei ao John o que o havia convencido a viajar para tão longe, seria um chamado espiritual?
-*"Eu fui incumbido de levar uma mensagem de uns tibetanos da Colômbia. Eles me entregaram o que chamaram de "O talco perfumado dos Deuses", assim conhecido porque todo mundo quer cheirar um pouco, e me deram pra trazer uma mala de mensagens religiosas com a inscrição: "In god we trust", escritas em pequenas flâmulas de cem e duzentos. Mas, acho que os colombianos não ficaram muito felizes. Talvez porque a mensagem fosse falsa."* Ele concluiu desanimado.
-*“Você não pode imaginar, Zé, o que é um monge Colombiano com raiva.”* Só pra provocar, perguntei se ele tinha sentido o frio do Nepal? Ele me olhou e disse:
-*"Zé, depois dessa, você nem pode imaginar, qualquer outra gelada é verão, tremenda fria. Nunca deveria ter conversado com aqueles Monges colombianos".* Eu insisti ironizando sobre o que ele tinha aprendido de bom por lá e ele me disse:
"-A grande filosofia da Muralha: "Nunca confie em alguém que diz que o sentinela da muralha está dormindo em serviço, pode ser muito doloroso."
-Ei, John, essas palavras devem ser uma espécie de filosofia budista. E me diz, você viu o Dalai Lama? Falei com aquela cara de super interessado.
-“O Dalai não, mas lama, meeeeu amigo, até aqui ó...”.(Mostrando o pescoço)

Eu fui dando corda e perguntei:
-*"Você jejuou muito por lá? está emagrecido John..."*
Ele me olhou e depois disse:
-*"É que é muito "solitária" a vida de um monge. A comida é pouca e o banho de sol uma vez por semana. É mais ou menos como digamos...,estar preso ao ser cármico, quer dizer simbólicamente né, Zé?*
- Eu fiz que entendi tudo.
_ *Claro que é simbólico, John. Mas, você comeu aquelas famosas raízes tibetanas?* Quis saber, provocando-o mais ainda. Ele me respondeu, sério e com um olhar distante:
-*"Eu não, mas vi muitos que comeram e acho que continuarão comendo raízes pra sempre"*. Eu perguntei, pressionando-o, se ele se lembrava de algum monge em especial, ele pensou um pouco e me disse que se lembrava de uns dois ou três:
-*"Tinha um que era ótimo para abrir as portas..."* Ele estava dizendo, quando eu interrompi:
-*"Da sabedoria, claro!"* E John fez uma careta dizendo:
-*"Não muita, por que ele usava uma "micha"...Tinha também um que era especialista em dar digamos...uma nova identidade a cada um de nós..."* .Eu não me contive, estava curiosíssimo pra saber até onde ele ía com essa pantomima*:*
-*"Aposto como ele lhe devolvia seu "eu" interior, sua verdadeira identidade?"* John fez a mesma careta e me disse:
-*"Assinada, plastificada e tudo, além de facilitar passagem pelos planos espirituais e as fronteiras...E tinha também um que nos ensinava onde ficava a verdadeira riqueza..."* Eu me antecipei, jocosamente:
-*"Aposto que no espírito?"* John coçou a cabeça e disse:
-*"Nos bancos. Mas era muito complicado para se aprender..."*.
- Entendo, exige muito esforço espiritual, né John? Ele pensou novamente:
-*"Na base da picareta seria mais apropriado e, talvez, um pouco de explosivo plástico..."* A cada minuto eu ficava mais irritado com tamanha cara de pau ou, quem sabe, inocência, será?:
-*"Por favor, John você encontrou mesmo tudo o que você queria, o verdadeiro caminho da salvação?"* Ele olhou para roupa e para o estado em que se encontrava e disse:
-*"Encontrei, mas acho que teria sido mais fácil com um advogado"*.
Confesso que tenho que concordar com ele. Jota, depois dessa, dei boa noite e fui dormir.Abraço Zé.

Caro Jota veja se eu posso continuar vivendo uma situação dessas, **John Lennon esteve aqui ontem à noite**...na hora da janta, como sempre.Bateu na porta de modo tão desesperado que eu abri achando que era algo muito grave. Ele entrou arquejando, suando, e me disse:
- *"Zé você tem que me ajudar... Eu preciso de ajuda... (Tosse, tosse) Desculpe meu peito parece que está em brasa."*.
-*Você quer água?* Perguntei ao John.
-*Um cinzeiro está bom...*

–Cinzeiro para queimação no peito?
–É que no desespero, em vez de tragar eu engoli um cigarro aceso e tenho que apagar em algum lugar...Como eu não bebo água é a melhor solução. Que tamanho é o cinzeiro? Melhor não. Se eu engolir ele também, em vez de assassinado, morrerei de hemorróidas. Talvez não fique bom na minha lápide.Cóf, cóf, cóf.
–Você precisa de um médico, John.
–Não Zé, eu preciso de uma boa latrina, que é quase a mesma coisa.Onde fica?
–É pra lá! Eu gritei enquanto ele corria para o banheiro. Depois de alguns segundos ouvi um barulho semelhante à brasa sendo apagada na água, algo como "slishh". John voltou com um olhar sonhador. Estava mais calmo.
–Você botou o cigarro para fora?
–Ele já tava saindo Zé, só que pela outra extremidade. Mais um furo na minha cueca esburacada, preciso começar a tragar com menos força, do jeito que vai vou ficar sem cuecas. Tentei o papel higiênico mas só *deixei o rolo cheio de buracos. Aí, lembrei da cerveja, abri uma garrafa e digamos...,"tomei" um gole no gargalo apagando o cigarro.*
–Pelo menos dessa vez você não fumou um baseado inteiro.
–Engano seu. Ainda deu para dar uma "tragadinha", shfuuuu.
–Agora que você já fumou o seu baseado pode pelo menos me dizer o que houve.
–Zé eu...vim...vim correndo da maternidade aqui...Você não pode imaginar o que eu descobri...Eu tenho um irmão gêmeo.
–Agora quem vai ficar desesperado sou eu, principalmente se seguiu você. Fui até a janela e depois de espiar, tratei de fechar as cortinas.*–E eu posso saber por que você está tão apavorado?*
–Por que eu vi, e ele é a minha cara, inclusive de olhos azuis. Eu sempre quis ter olhos azuis, igualzinho a minha mãe.
–Não sabia que sua mãe tinha olhos azuis.
–E não tinha, mas ela também queria ter, ué? Zé, quando eu vi aquele sujeito eu pensei: E se ele for eu e eu for ele? E conclui: eu sou ele.
–Você não me venha com aquele conversa outra vez...
–Mas, e se eu não sou eu mesmo, se eu sou o outro? E se nós fomos..., digamos..., trocados na maternidade, um pelo outro? Você percebe Zé, a minha situação? Eu não sou eu, sou o outro! E se isso for verdade, do que será que eu gosto? Será que eu sou tão belo como estou? Será que sou tão talentoso, quanto hoje? E mais, será que sou tão humilde quanto sou agora? Zé e se eu for o outro, será que eu estou bem comigo mesmo? Será que eu gosto de um baseado? Será que eu empresto discos? Será que eu tenho algum trocado? Eu não posso viver nesse dilema. Preciso falar com minha mãe.
–John, John, John, sua mãe já morreu.
–É mesmo? Eu nem me lembro... e será que avisaram o outro.
–Você estava lá quando ela morreu, John.
–Você tem certeza?
– Absoluta, por que se você não estivesse por perto ela jamais teria morrido! Você foi ao cemitério errado, ao enterro errado

e uma semana depois. Discursou umas duas horas agarrado ao caixão, falando com sua mãe morta. Lembrou o jeito que ela dava de mamar para você, o banho, como limpava seu cocô. E a perdoou por ter fugido com um palhaço bêbado e vagabundo do circo, depois de tê-lo deixado aos cuidados da sua tia".
- Eu me lembro foi dramática a expressão das pessoas me olhando...Disse John com os olhos distantes pela lembrança.
-Que tipo de reação você queria que elas tivessem ouvindo você falar tudo aquilo, para aquela **madre** no caixão?!
-Verdade.Mas eu me lembro de uma outra morte nesse dia.
-Essa segunda, foi a morte do Bispo que estava encomendando a alma daquela religiosa quando você começou a gritar: Mamãe, mamãe! Eu juro por tudo que há no mundo que vou encontrar o meu pai verdadeiro, custe o que custar. Nesse instante o Bispo caiu duro.
- É, foi mau...Deixa pra lá...Já sei! eu tenho uma foto aqui comigo. Olhe só Zé, olhe só a prova, aqui esta ele, o meu irmão!
-John, aí só tem uma criança, pelo menos eu acho, já que há tanta fumaça.
-Mas é a minha cara, Zé. Ele não é parecido comigo?
-A cara não, mas o cigarrinho na mão dele, sim. Olhando bem, esse sujeito da foto não só é parecido, como só pode ser você mesmo.
-Como você pode ter tanta certeza, Zé?
-Que criança pensaria em fumar a papinha enrolada no babador?
-Zé, será que eu sou mesmo eu? Como um sujeito que tem um irmão gêmeo sabe que ele é ele e não outro, se às vezes até a mãe deles se confunde?
-Sabe John, depois de ter tido um filho como você, não acredito que uma mãe arriscaria outro, nem gêmeo. Afinal, posso saber porque você colocou essa idéia na cabeça?
-Estive sintonizado com o éter, a emissão cósmica do grande mentor se manifesta durante a no...
-...Novela das "oito"? Eu completei.
-É isso! Como foi que você adivinhou?
-Palpite. Eu disse.-John você tem que parar com essas idéias rapaz.
-Você está certo. Eu devo mesmo me concentrar no meu auto-assassinato. Desculpe Zé, mas é que eu não consigo pensar com os estomago vazio...
-Sabe o que eu acho, você inventou toda essa estória só para vir jantar de graça, mais uma vez, esta semana aqui em casa. Você é um tremendo parasita. Acha que eu sou trouxa de cair nessa conversa do seu irmão gêmeo? Dessa vez vai ficar sem janta.
-Não colou? Ele perguntou e eu gesticulei que "não".
-Tudo bem...O que é um dia sem comer para quem já se prepara para o jejum eterno...
Pensei, "não acredito que ele vá começar com esse papo." Mas, ele começou.
-Quero ser cremado e que minhas cinzas sejam distribuídas entre os meus amigos. Espalhadas por todo o mundo, em pacotes que os cães farejadores não possam detectar... Disse John tão

convincente, um canastrão.-" *Em breve estarei descarregando a minha mochila na terra do leite e do mel, servidos em latinhas bem geladas ou tirado na hora e sem colarinho, ouvirei as trombetas do "Paraíso heavy metal" e entrarei depois de dar uma gorjeta para o porteiro. Cantando: Oh mai Lorde, mai suite lorde...".*
Confesso *que* novamente me senti comovido com tanta besteira e disse:
-"Por favor John, você é muito jovem, por que não desiste dessa idéia mórbida. Você ama a Verinha, digo Yoko, que tal casar com ela?"
-Porque eu prefiro morrer uma vez só, Zé! Se ela quiser casar tudo bem, mas eu é que não vou estar lá pra ver.
-Você só fala em morte, John. Insisti.
- Não, eu só falo na ***minha*** *morte*.Quer saber? No fundo eu sou um cara todo vida, Zé. *Eu sou doador de vida. Até porque o resto do mundo já morreu, já "era" e nem sabe. O dia que tiver Banco de Transfusão de Vida eu vou toda semana lá. Só pra passar um pouco de vida aos panacas como você.*
-Espera lá, você está vivendo dentro da minha casa, dentro do meu pijama, dentro do meu cobertor, dentro da minha geladeira e ultimamente dentro da minha ex-namorada. Eu não admito ser insultado.
- Zé você é insultado todo dia, só que não percebe. Você pensa que eu não vejo? Eu não sei se eu sou eu ou meu irmão, mas você, nem sabe quem você é.
- Não me venha com essa conversa de novo...
- Não é conversa não, cada dia você é uma coisa diferente. Tão logo amanhece você abre o seu guarda roupa e escolhe uma fantasia para usar. Num dia se veste de bravo no trânsito, quer brigar com todo mundo, no outro morre de medo do chefe. No outro, vira conquistador, elegante, ateu, líder, covarde, cordato, agressivo, médico, advogado, engenheiro, encanador, mecânico, político, cozinheiro, aliás, péssimo, seu último frango resfriado pegou pneumonia, foi a primeira vez que eu vi um molho pardo que não esfriava, de febre! Ou então, cantor de Karaokê...Você vive repetindo tanto e sempre, as mesmas coisas que me admira não tenha tido uma lesão por esforço repetitivo, na língua. Eu, pelo menos, se tiver uma coisa dessas vai ser num lugar muito mais nobre. Você nem percebeu, mas está sempre rodeado dos seus gêmeos, Zé. Todos nascidos no mesmo dia, tenho até pena da sua mãe, deve ter tido um trabalhão, haja teta...E você nem canta parabéns pra eles no dia dos seus aniversários...
- De um certo modo você tem razão, eu sou muitos...Acho que se for assim sou mais um vencedor do que outra coisa.
- É mesmo? Pois, veremos. Não se anime, porque pra ser o vencedor, antes você teve que cometer um crime hediondo...
- Do que você está falando?
- Dos espermatozóides! Você teve que deixar morrer à míngua mais de trezentos milhões de outros irmãos...Assassino!
- Espera lá, eu não matei ninguém ou alguma coisa...
- Como eu vou saber? Quem garante que você não trapaceou? Que não passou o rabinho na frente de alguns deles pra tropeçarem?

Será que não deu uns nós nos rabinhos deles, que nem nos cordões dos sapatos; será que não tinha um padrinho político na convenção dos óvulos? Pior, será que não saiu antes do tiro de largada?
-Mentira! Gritei já completamente envolvido pela conversas de John.
- E dopping? Alguém fez teste de dopping em você? Trezentos milhões e você chegou primeiro, huuum! Suspeito, Zé. Logo você um moleirão, míope, que só se exercita em esteira quando ela é de praia. Conseguir ganhar de toda aquela gente...sei não, Zé, ai correu "algum...,hormônio", por fora.
- E o que você me diz de você John, qual a diferença?
- Shiu! Não tente justificar os seus erros, através dos meus!Não tente!
- Pensando bem, há alguma razão nisso tudo, por favor me desculpe. Se quiser você pode convidar o seu irmão para jantar aqui.
- Ótimo, então pode colocar três pratos na mesa e começar a comer.
- Oh, John, mas você não convidou seu irmão ainda.
- Que irmão?
- Você não acabou de falar do seu irmão gêmeo...
- Aquilo, foi só uma idéia que eu tive.
- Só uma idéia. E de onde veio essa idéia?
- Para um filme. Olha Zé, para dizer a verdade, eu peguei emprestado o carro e estávamos viajando eu e o Rick Wakemam, quando o carro derrapou e nós batemos num tremendo monte de terra. Daí surgiu uma idéia na cabeça de cada um de nós.Pra ele, que bateu de cara no barranco foi uma "Viagem ao centro da terra" e pra mim, vendo o carro, "Uma tremenda Porrada". Porrada, espermatozóides, irmãos, percebeu a ligação? Agora chega de papo. Passa o frango resfriado, Zé, mas antes, cobre com molho de aspirinas, tá.
- Caro Jota, acabei gripado e com a sensação de uma porrada. ZÉ.

Prezado Zé, ainda que o John continue fazendo estragos aí do seu lado, ele está muito mudado. Não só mudou de casa, da sua pra minha, mas está mais normal, mais cordato, mais racional. Eu até estou estranhando. **O John esteve aqui em casa ontem à noite** e, acredite, nada aconteceu de estranho, a não ser nada ter acontecido de estranho. Será que não era o irmão gêmeo do John? Bem, até prova em contrário, era o nosso amigo.A mania de filar uma bóia parece que é hereditário na família do John, tanto que tive que servir uma sopa tipo Miojo, que ele, assim como o John, detestou, mas comeu. Depois disso e de um costumeiro arroto, fomos pra sala. O mais interessante, entretanto, é que o John falou que gostaria de ser um clone dele mesmo. Essa estória é muito conveniente, você não acha? Tudo caminhava bem até que tocaram a campainha. Olhei pelo buraquinho da porta e falei, surpreso.

- *A polícia? Que será que aconteceu?*

- O John ouviu isso e pedindo pra que eu não abrisse, correu apavorado para o quarto. Eu estremeci. John aprontou alguma de novo. Resolvi abrir a porta. Eram dois policiais. Um deles foi logo dizendo.

- *Boa noite, senhor. Por acaso o senhor é o Jota, primo do John?*

– O quê? Primo do John? Deve haver um engano, policial, eu não tenho nenhum vínculo de sangue ou qualquer outro vínculo hereditário com o John.

–*Tem mais alguém em casa?* Perguntou um deles.

–*Um cachorro*.Respondi.

–*Alguma ligação com o procurado?* Perguntou o mesmo policial.

–Só se forem da mesma ninhada, mas eu desconheço, depois prefiro cães de raça.Respondi.

Lá do quarto eu ouvi uma voz dizendo baixinho e com raiva " *lazarento".*

- *Tudo bem, senhor, mas o senhor conhece esse tal de John?*

- *Bem, é...pois é... então... ssssim, popoporque?*

- *Na verdade estamos procurando esse baderneiro e inconseqüente por todo o bairro, mas não o encontramos. Parece que todo mundo protege esse picareta.*

Pedi para os policiais entrarem e se sentarem. Essa coisa de prenderem o John até que não é de todo ruim e me deu uma idéia espetacular pra ficar uns tempos sem ver cara do John e das maluquices dele, Zé? Tem que prender um cara desses, você não acha não, Zé? Olhei para os policiais e mais amavelmente, falei.

– Pois não, seu guarda. O que aconteceu agora?

– Esse tal de John foi denunciado no Distrito Policial. Ele foi pego levando vários CDs num carro.

*– Não me diga que os CDs eram roubados...*Disse ao policial sem paciência.

– Não. Mas o carro era. Disse o policial completando:– *Ele rouba, trapaceia, engana, suborna e pirateia?*

- *Sim, mas como qualquer pessoa normal, nesse país. Mas isso não é crime, como todos sabemos, senão já teriam cercado Brasília.*

- *Concordo. Acontece, que ele foi enquadrado num crime muito sério.*

- *Tudo bem, se é que tem crime não sério, o que foi desta vez.*

- Ele está sendo acusado de incentivar as pessoas a roubarem, furtarem, surrupiarem, afanarem, sem licença e sem recolher as taxas fiscais, entendeu?

- Não!

- Seu Jota, o seu amiguinho John está querendo que as pessoas roubem as coisas dele.

- Como assim, "coisas dele" seu guarda. Isso não é meio estúpido, alguém querer que roubem seus próprios bens?

- Quem sabe como trabalha a mente de um criminoso? Eu explico: Segundo testemunhas, esse famigerado John, fica na frente das escolas, dos estádios de futebol, na frente dos bingos, filas da previdência, da cesta-básica, enfim onde tiver grande aglomeração de pessoas, passando panfletos...

–Panfletário? O John? A única coisa que o John passa para os outros é "gonorréia". Não acredito, ele é tão burro que quando fizeram a campanha: "o petróleo é nosso", ele foi pego tentando levar uma bomba de gasolina pra casa. Ah! sim, ele também colocou um monte de tampinhas amassadas de cerveja no "Orelhão" da esquina, deu tanto tapa no aparelho que ele tá surdo até hoje. Explico: O "Orelhão", não o John. Rá,rá,rá...Desculpe, foi mau.

Lá do quarto, outra vez, uma voz falou "*dedo duro*".

– Não é isso seu Jota, esse meliante, fica nesses lugares fazendo uma campanha pra que as pessoas roubem suas músicas e seus escritos e vendam para os receptadores de plantão.

- Mas o John não faz nada de bom...é tudo plágio, tudo enganação, coisa da cabeça dele. Acho que a única gravação que vai dar certo é a da lápide dele, essa até eu vou comprar, rá´,rá,rá...Desculpe novamente, eu realmente não deveria...

- Pois é, mas tem gente acreditando que ele vai pagar a recompensa que tá prometendo.

- Que recompensa? Pode acreditar seu guarda, se esse é o crime, realmente, ele não compensa.

- A pessoa que roubar suas criações e torná-las sucesso ou de alguma forma fazer com que se tornem conhecidas na TV, no rádio, nos jornais, ele promete que todo o lucro com o merchandising será rateado com o seu comparsa.

- Primeiro, que quem conseguir tornar sucesso uma música do John, não merece dinheiro, merece ser canonizado. E se for assim então, ele é a vítima e o bandido ao mesmo tempo?

- Pior que isso, seu Jota. Ele passa a ser o roubado, o receptador e co-autor do roubo, entendeu? E sem licença! E tem

as taxas fiscais das quais já falei. Quem ele pensa que é pra burlar, surrupiar, enganar e descumprir a lei? político?

- *Mais ou menos, se fosse no segundo exemplo ele se daria bem, tem perfil...*

De lá do quarto, a voz novamente, se faz ouvir: "é mentira". Uns dos guardas, o que não fala nunca, parece que ouviu, mas não foi muito a fundo. O outro guarda continuou.

- *O senhor poderia nos dar uma pista do paradeiro dele?*

A voz lá quarto: "d*iz que eu estou em lugar incerto, não sabido e fudido".*

- *Infelizmente, eu não posso ajudar seu guarda. O John de veeeez em quando, entende, aparece por aqui. Em geral na passagem do ano e fica só até passagem do próximo ano.*

- *Tudo bem então, mas o senhor se importa da gente dar uma busca por aqui?*

- *Claro que não, seu guarda, fique à vontade*.Eu disse isso para o policial, surpreso, já que a polícia nunca olha nada e, quando olha, não vê.

Lá do quarto aquela voz "filho da p..."

Fiz sinal para o guarda de que ele estava no quarto. Os guardas se dirigiram pra lá e começaram a procurar. Quando entraram no quarto, acenderam a luz. A luz demorou um pouco pra acender, mas acendeu. Em seguida deu um estouro que clareou até as minhas idéias. Era o John sentado em cima do criado mudo com a cúpula do abajur na cabeça e uma lâmpada acesa na boca. O choque foi tanto que ele estava petrificado, com os olhos esbugalhados. Aquela figura quase dantesca ali paralisada emitia fumaça pelos ouvidos, nariz e cabelos, até pelo traseiro. Quando os guardas viram aquilo deram voz de prisão ao John. Mas nem precisava, Zé. O John tava ali inerte, mudo, pálido, cadavérico como ele só. Corri até o interruptor para apagar a luz. No mesmo momento que a luz apagou o John caiu. Foi um baque tremendo ele batendo aquela cabeça de vento no chão. O barulho parecia uma melancia caindo no asfalto de cima de um caminhão. Pensei que não ía sobrar nada. Se o John queria morrer acho que tinha conseguido. Não seria a forma idealizada por ele, mas certamente seria a mais iluminada e de maior energia, se é que não estou sendo muito cruel...como de fato gostaria.

–*Prenda o meliante, gritou um dos guardas e foi em cima do John.* Da mesma forma que o guarda foi, pulou e caiu sentado pra trás, tamanho foi o choque que levou.

- *Vamos esperar o defunto esfriar. Da próxima vez acho melhor colocar uma lâmpada de baixa voltagem, rá,rá,rá...Desculpe, eu realmente exagerei.* Falei ao policial lutando para não rir.

Mal acabei de falar e o John, com o olhar escbugalhado, começou a cantar uma cantiga de roda.

- *O cravo bigou co'a rosa, no meio do roseral...e emendou...Mr. Moonlight...*

- *John, você tá vivo. Não acredito que você escapou dessa. Meu amigo!*

–*Amigo? Tem certeza? Se for aconselho verificar a chave de voltagem dele da próxima vez, antes de ligar. E francamente "seu" Jota, eu me certificaria, pela música, esse seu amigo pode ser uma versão "Pirata".* Anotou o policial com nervosismo num bloco de papel.

–*Nem eu Jota.* Finalmente John falou*: –Nem assim eu morri, pô!*

–*Não morreu mais vai ficar preso, o que nas nossas prisões é quase a mesma coisa, só que pra pior. Esteja preso!* Disse o policial, anotando freneticamente no seu bloquinho.

–*Será que o meu sonho vai ser eternizado, voltei para outra encarnação?* Disse John.

- *Encarnação uma ova, seu John, esse tipo de prisão é só para os que têm foro especial nesse país.* Falou um dos policiais, aquele que não deixa o outro falar.

- *Preso por que? Qual a acusação. Nós estamos num país livre, democrático, analfabeto, pobre, no fundo do poço , mas eternamente em desenvolvimento*. Retrucou John.

- *Explique-me então essa coisa de ficar aliciando pessoas para suas práticas e interesses escusos. Onde o senhor estava no dia 09 de novembro de 1980, às nove da noite? Com quem o senhor estava, hein? Quantos tiros o senhor recebeu? Quem foi o autor dos disparos? Depois que o senhor morreu, como conseguiu escapar da cena do crime? A cena foi em Cinemascope, usou insensurround, digital ou tela plana? Diga? Diga?*

- *Calma seu guarda, assim até morto confessa.* Amenizei, eu.

- *Tudo bem, então responda o que é isso de ficar panfletando em frente das escolas,etc e etc*? Insistiu o policial.

- *Ah, é isso então*? Falou John e continuou. É o seguinte: *passei a minha vida toda fazendo canções belíssimas, sempre com muito sucesso da crítica e de público, da família. Cantei em vários lugares pra família, no Karaokê do Clube da família, no festival de bocha com a família; até para o Presidente do Bangu, da nossa família, mas não consegui gravar nenhumazinha sequer. Primeiro, porque eu não sou de puxar saco e segundo porque eu não sou parente de nenhum figurão das gravadoras, das TV's, dos jornais, dos políticos, entende? O que me faz uma vítima e não um marginal, já que nesse país quem não tem tudo isso tá morto. É esse chamado nepotismo que, embora eu*

não saiba o que quer dizer, certamente deve acontecer senão não tinha essas carreiras artísticas de pai pra filho. A única transmissão que eu vejo dos famosos é a ***transmissão de cargos.*** *Já reparou? Até parece que talento é uma coisa hereditária ou mapearam o genoma desses virtuoses e só guardaram pra eles.Talento é conseguir ter pai dono de gravadora!*

- *Tudo bem seu John, mas daí a incitar as pessoas a roubarem é demais, não acha?* Falou um dos guardas, aquele que nunca deixa o outro falar.

*. Acontece que eu roubei de mim mesmo, aliás, já que o senhor é um policial, quero dar queixa. Anote.(*Devo dizer que o policial obedeceu prontamente) *A queixa é: Eu me roubei. Foi terrível seu guarda, eu cheguei, quando eu não estava olhando e apontei uma arma pra mim mesmo dizendo, eu atiro em mim se você não me entregar estas músicas que são minhas.O senhor pode imaginar o horror seu guarda? Eu ali sozinho comigo mesmo. Esperando a ajuda para me salvar de mim mesmo. Eu tive medo que eu fizesse o pior comigo...*Disse John, enquanto se apoiava no ombro do policial, o outro, o que nunca falava, começou a segurar as lágrimas e a olhar para os lados, disfarçando, sem suportar ouvir tanto sofrimento. O John continuou: *- Só consegui me salvar de mim quando ouvi uma voz, era minha consciência gritando "pega ladrão" e afugentando aquele marginal que todos nós carregamos dentro de nós.*

- *Ah! então isso muda tudo. Nã...Não...(*Choro convulsivo)*não posso incriminar uma vítima! Creia senhor John, o senhor teve mesmo muita sorte de ter escapado com vida das mãos de tão terrível marginal.*(Choro, o outro policial que nunca fala nada, passou um lenço para o primeiro) *Mas tem o seguinte, tenha muito cuidado daqui para frente, antes que o senhor mate a si mesmo, pois, se isso acontecer o assassino vai ser o senhor mesmo, e nós vamos ter que prendê-lo,*(SNIF!)*desculpe-nos. Boa noite e se cuidem! Vamos cabo Michael Jackson*. Assim um dos guardas foi falando e saindo - aquele que não deixa o outro falar. Caro Zé, acompanhei os dois estúpidos até a porta. Foram abraçados. Enquanto eu fechava a porta do apartamento, ainda pude ver um caindo nos braços do outro aos prantos. Bati a porta e depois virei para o energúmeno que você bem conhece e disse:

-Por hoje chega, John, não me fale mais nada, ok?

-Tá certo, Jota, mas depois de toda esse trauma, me deu uma fome danada.

Nada mais pude fazer a não ser um lanche reforçado que só o John sabe exigir. Um abraço. Jota.

Caro Jota, fiquei bastante impressionado com essa nova tentativa do John em obter sucesso. Mas, o que realmente me preocupou foi o estado que ele se encontrava quando chegou aqui. Nervosíssimo. Acredito ser resultado da quase prisão que

ele sofreu aí em sua casa. Achei que era realmente grave pois perdeu até fome, tanto que só almoçou quatro vezes antes de perguntar pela janta.Andando de um lado para o outro, em dez minutos fumou um pacote inteiro de cigarro, e o pior, sem nem abrir os maços. Tomou duas cervejas sem tirar as tampinhas e nem pôr no copo, chupou duas dúzias de laranjas sem descascar. Quando eu disse que ele tinha engolido as garrafas sem abrir e as laranjas sem descascar, olhou-me irado e em seguida engoliu um abridor de latas e uma faca Ginsô. *"Eu tô cheio."* Era só o que repetia. *"Cheio"*. *"Caramba! Agora só falta você comer o sofá."* Eu disse. *"É de couro?" Perguntou. "Courvim"*. Eu respondi. *"Courvim me dá azia, mas se não tiver mais nada...tô cheio!"* Também pudera, engolindo o que engole só pode estar cheio, pensei comigo. De repente, sem dizer uma palavra, arrancou uma imitação de samambaia de plástico, que eu tenho na sala, e entrou dentro do vaso. John abriu os braços e ficou olhando para a janela. Não agüentei e perguntei o que ele estava fazendo.*"Vegetando, de verdade*. Ele disse" Achei que era demais ter uma muda de John no meio da sala, preferia a samambaia de plástico, que aliás já estava dando uma muda.Mas mesmo assim, antevendo o pior, fui pegar o regador. Quando voltei John tinha um galhinho na mão. *"Ué, já tá dando broto?"* - *"É primavera. Eu dou folhas cedo."* Ele me respondeu.*"John, você não acha que está levando isso à sério demais?". "Eu não estou levando nada a sério. Porque neste país ninguém leva nada a sério. Eu vivo vegetando mesmo, que diferença vai fazer?". "Seja como for, John, pelo cheiro seus pés já estão bem adubados, e com as micoses que você tem nele, nem vai precisar de minhocas." "Ria Zé.Faça pilhérias. Mas, eu acho que se você quer fazer mal a algum inimigo não faça macumba, não rogue praga, não brigue, faça algo de muito ruim, mau mesmo, como...,como por exemplo: indique um encanador para arrumar alguma coisa na casa dele ou dê o endereço de um bom médico, qualquer um; indique um pedreiro "bom", ou faça o mais terrível de todos os males que se pode fazer a alguém: dê de presente um carro velho pra ele.Mas, nunca! Eu repito, nunca! Delate um amigo seu como fez o Jota comigo"*. Eu fiquei pasmo com a arrogância dele. *"John até onde eu sei, foi você que quase complicou a vida do Jota."* Ele, que estava dando um segundo broto no sovaco, local sem dúvida bem adubado, me disse: *" Ele foi um Judas Carioca! Me traiu e pior nem repartiu as trinta moedas! E pensar que eu confiava nele. Deixei com ele tudo que era meu, em absoluta confiança. Entreguei todas as promissórias de presente pra ele pagar, as contas de água atrasadas, luz e condomínio."* Só então eu pensei um pouco. *"John, você não tem onde morar, porque o John iria pagar suas contas?" "Quem disse que são minhas, as minhas contas ninguém paga, muito menos eu, essas são da Yoko. Zé, será que dá pra você me virar para o lado do sol, estou sentindo que preciso fazer fotossíntese." "Eu acho que você é um tremendo cara-de-pau!"* E ele me disse: *"Por que é que você acha que eu estou plantando o resto do meu corpo?" "Não mude de assunto"*, eu disse.*"Você só dá trabalho pra gente, cada dia é uma situação que você cria pra gente resolver." "Eu?! Zé,*

você ainda não percebeu que se não fosse eu a vida de vocês ia ser uma desgraça? Vocês deveriam me agradecer. Mas o mundo é injusto mesmo. Você reclama, mas e o "fazer o bem sem olhar a quem?" Eu pratico isso, comprei até olhos escuros pra isso. E mais, graças a mim vocês são enfermeiros, advogados, marceneiros, cozinheiros, faxineiros, funileiros, corredores, pronto-socorristas e até jardineiros, só pra começar. Graças a mim, vocês descobriram que podiam ser muitas outras coisas que vocês nem imaginavam. Eu desabrochei vocês". Ele disse. *"E você também." Disse eu. "Acaba de nascer uma flor na sua orelha esquerda." Ele continuou: "Graças a mim, vocês saíram daquela vida medíocre que estavam levando. O Saramago já disse: O que não é vida é literatura! Vocês não passavam de literatura, não tinham vida. Um livro barato, condenado a mofar e criar cupim numa estante da existência. Eu tornei a vida de vocês digna de ser vivida. A vida é feita de desafios! Olhe pra você Zé, você, que me acha anormal. Mas o anormal é você por ser tão normal.Quando foi que você enfiou o dedo no nariz pra limpar as melecas enquanto espera o sinal abrir? Quando foi a última vez que comeu sem culpa o que você gostava? Quando foi a ultima vez que peidou em público sem se importar com quem tava do lado? Quando foi a ultima vez que armou um barraco num restaurante que cobrou a mais na conta? Ou quando foi que você parou para olhar uma bela bunda que passava sem se importar com os outros? Quando foi a última vez que você tomou"umas" a mais e dançou em cima da mesa ou cantou um tango à capela, na Capela? Largou um chato falando sozinho? Tá vendo? ser normal do seu jeito é que é anormal. Ninguém agüenta viver num mundo certinho, Zé.A única diferença entre o sujeito que não bebe, não fuma, não joga e o outro que faz tudo isso, é que o primeiro vai morrer com saúde, só isso, porque os dois vão morrer, Zé. Então viva a vida! Sabe o que eu realmente acho, que lá dentro de você a sua alma tem a forma de uma grande botina, se você pudesse metia o pé em tudo e sumia.* Eu fiquei quieto, depois pensei ser melhor comprar uma tesoura de poda, porque se a língua dele crescer do mesmo jeito que a cabeça, melhor podar logo antes que dê frutos. Abraço, Zé.

Prezado Zé, pensei em mandar um pouco de esterco pra você colocar aí no vaso do John. Mas acho que o John já é muito bem adubado por natureza, só discordo da posição como ele foi plantado, deveria ser com os pés para cima ,pois com tanta bosta na cabeça, já estaria adubado. Mas, não enlouqueça tanto assim, meu caro Zé, pelo menos o mesmo tanto que eu, pois, não é que quando eu ia chegando na frente do meu prédio tinha uma fila imensa que adentrava o prédio pela escada de serviço? Pois é. Perguntei ao George Michael, o porteiro do prédio, e ele me disse, para meu espanto e desespero, que aquela fila vinha do meu apartamento e que aquele meu amigo, que ele não lembrava o nome, estava lá em cima. Só podia ser ele: John. Subi voando pela escada até o 10º andar. Quando entrei vi o John sentado na mesinha do escritório conversando com uma

mulher, pois, realmente **O John esteve aqui ontem à noite**. A mulher chorava copiosamente, enxugava as lágrimas e chorava alto. Eu vi aquilo e fiquei sem saber o que fazer. Fiquei preocupado com alguma coisa que o John pudesse ter feito àquela mulher que a fez chorar tanto assim. Ouvi o John dizendo a ela:

- *A senhora tem talento e leva jeito, preencha esse formulário ali ao lado e me entregue pra selecionar os vencedores. Entra o próoooximoooo...*

Entrou uma bicha totalmente desvairada e afetada que já foi logo caindo em prantos. O John fez um sinal pra ela não gritar muito, mas ela cada vez que ele fazia o sinal, chorava mais alto ainda. Foi só nesse momento que o John percebeu minha presença. Levou um susto.

- *Jota, você aqui*?

- *Claro, John, aqui é minha casa, essa e minha sala, esse é meu sofá...o que você acha que estou fazendo, uma visitinha de cortesia, é?*

- *Desculpe Jota, mas você está atrapalhando a minha seleção de carpideiras.* Disse isso ao meu ouvido, com certeza para que todas aquelas pessoas não ouvissem as suas maluquices.

- *Como assim, John?*

-É que como eu pretendo morrer logo, estou selecionando três carpideiras para ficarem no meu velório chorando...e cantando, também.

- *Isso é coisa de doido, cara? Ninguém vai chorar no seu enterro, mesmo que você pague pra isso. Ademais, você é um duro e não vai morrer assim sem mais nem menos. Acho que quando chegar sua hora vai ter a maior festa aqui no bairro.*

- *Não fale assim, John. Até já batizei o grupo das carpideiras (*John olhou divagando para o alto como indicando mural com letras garrafais): *The Supremes, ou seria melhor The Sofremes...O que você acha, Jota?*

–Esse nome já existe. Acho que poderiam se chamar The Urubus, todas de preto e cheirando uma carniça...que é VOCÊ!

John, nem me ouviu, continuava naquele delírio, como se estivesse vendo um painel luminoso com o nome daquelas que ele convencionou chamar de "meninas". E continuou falando.

- *Até já compus uma canção...linda, muito linda, chama-se "Live in let dai".*

Eu não me contive.

– John, John, essa música é do filme James Bond e foi composta pelo Paul McCartney, pô!

-*A letra é linda. Ouça.* John cantou um pedacinho. *Why, Why, Who trupica falls too, trupiquei in mammy's foot, and falls in daddy's foot...*

*Traduzindo: *Uai, Uai, quem trupica também cai, trupiquei no pé da mãe, fui Para no pé do pai...*

Eu não me contive e comecei a rir adoidado. As pessoas que estavam na fila começaram a rir, mas quando o John olhou severamente pra eles, imediatamente eles começaram a chorar meio sem jeito.

-*John, ponha essa gente toda pra fora do prédio imediatamente.*

Todos as pessoas ouviram o que eu disse e, com essa falta de emprego no país, se rebelaram e todos gritavam "daqui eu não saio, daqui ninguém me tira". Nessa hora entrou na sala uma mocinha e sentou no sofá bem em cima do controle remoto. Ela deu um pulo e começou a gritar. A TV ligou no programa do Ratinho a todo volume. O pessoal da fila entrou na sala e começou a assistir ao programa. Teve um que gritou:

– *Senta em cima do controle de novo, mocinha, dê uma piscadinha no fiofó e põe no jogo do Corinthians pra gente aí, ô meu!*

– *Que jogo que nada, vê se tem algum programa evangélico!* Falou uma mulher.

– *Prefiro o programa da Ana Maria Braga, hoje ela vai ensinar a fazer cuscuz na mão.* Gritou outra mulher, lá do fundo.

Nesse momento eu percebi que a coisa tinha que ser na porrada.Fui até o quarto, peguei o revolver que o John quer usar pra ser assassinado e dei uns três tiros para o alto. Foi um corre-corre geral. Tinha nego pulando pela janela, correndo, subindo e descendo a escada, para o elevador, foi um fuzuê. Só o John que, depois que todos sumiram, estava caído no meio da sala, todo esparramado pelo tapete. Eu corri até ele.

– *John, você está ferido? Você está bem? Diga alguma coisa. Oh! meu Deus, será que o destino me pregou uma peça? Será que eu o matei, meu Deus? Alguma bala ricocheteou e matou ele? Fala alguma coisa John?*

O John nem se mexeu. Comecei a chorar copiosamente, afinal, Zé, eu tenho que admitir que apesar das loucuras, acho que a gente gosta dele. É difícil imaginar a nossas vidas sem o John. Mas de repente o John abriu os olhos e falou com a maior cara de pau:

– *Jota, você tá contratado.Você, dentre todas, é a melhor carpideira que eu já vi. Você tem talento pra isso, Jota.*

Não me contive. Soltei o John no chão que quase ele se arrebentou.

–Você quase me matou de susto, porra! Pensei que tinha atirado em você, John.

– De fato não, mas se eu continuar sem comer nada vou acabar morrendo de fome. A gente bem que podia comer um lanche daqueles, hein, Jota?

- *Você só pensa nisso, John ?*

– A gente precisa alimentar a alma com alguma coisa...

– Você é o único sujeito que tem a alma no estomago, John.

– Eu penso muito, penso também em joelho de porco, Hasbein, faisão dourado, caviar... mas como você é um cai n'água, aceito um lanchinho de peito de peru, ok? Enquanto isso, vou ficar aqui pensando no meu ***eu interior...****(pensativo) sabe aquelas coisas de sertão, do campo, sertaneja, bem caipira? Pois é, eu agora tô ligado na busca do meu* ***eu interior.*** *Pode notar: todo fim de semana o pessoal da capital vai pro interior pra buscar suas raízes. Por que não oferecer também a eles, seus caules, suas folhas, suas flores e seus vários eus...é eu daqui, eu dali, eu acolá.... O ser humano é um eterno descontente mesmo, não fica no campo porque é calmo demais e depois não quer ficar na cidade porque é estressante, entende?*

- *Não, não entendo, John.*

- *Eu por acaso me dou bem em qualquer lugar, particularmente à mesa, Jota.*

- *Partindo de você, isso eu entendo.*

Dá pra levar a sério um cara desses Zé? Até mais, vou preparar um lanche pra nós. Abraço. Jota.

Caro Jota, creio que as coisas estão se agravando, pois enquanto eu preparava uma sopa para mim e o John, ele insistiu que sentia muita saudade do caldo de sua avó. Fiquei surpreso porque nem sabia que ele tinha conhecido a avó. Ele disse que ele realmente não a conhecera, mas sua mãe guardara as cinzas da velha. Tripudiando, perguntei como ele podia ter saudade da sopa da sua avó se nem a conhecera? Ele me respondeu:

–Desde que minha mãe resolveu misturar as cinzas da velha com um caldo de cebola. Num tem gente que guarda cinzas? A gente adorava tomar sopa da minha avó... Disse John com a expressão carregada de saudades.

Eu juro que passei mal, mas foi o suficiente para John ficar melancólico e foi falando num tom muito grave e sério que precisava falar com Deus. Eu, por um momento, pensei que talvez ele tivesse tido um lampejo de lucidez e, até meio esperançoso, perguntei se ele ía a alguma igreja e ele me respondeu que isso era coisa do passado. Com a internet, os

celulares e a comunicação via satélite, a igreja vinha até você, mas que ele estava acostumado a falar pelo telefone mesmo. O pior, é que ele discou um número e me perguntou se podia fazer a ligação a cobrar. Eu concordei achando-o aquele estúpido de sempre. Caro Jota, você precisava ver a conta no final do mês! Agora sei porque Moisés preferiu escrever numa tábua. O que foi que ele falou, eu não sei, mas não demorou muito e um sujeito esquisito bateu em casa. O homem mais parecia um corvo. Eu deveria estar muito abatido, pois, tão logo o tal sujeito me viu foi dando os pêsames ao John e disse que o velório ia custar o dobro só para arrumar a minha cara. Dar, é jeito de dizer, porque ele estava apresentando a conta do suposto velório do John ao John. Só aí eu entendi que aquele homem era o papa-defuntos. Constatado o engano, constrangido ele me ofereceu uma flor de presente. De uma pessoa amiga, explicou.Era um cravo meio murcho, mas achei gentil. Eu agradeci, mas disse que não precisava, coisas desse tipo. Rapidinho ele pegou a rosa de volta e disse que devolveria ao lugar de onde tinha retirado, se não tivessem enterrado o dono ainda, claro.John entrou na conversa para dizer ao papa-defunto que sobre aquele assunto de pagar ele deveria tratar comigo. Mas ficou ali ao lado o tempo todo. O sujeito então, depois de abrir uma enorme planta, me mostrou o jazigo. Explicou cada um dos modelos, o individual e o coletivo, com uma ou duas vagas na garagem, vista para o mar ou para as montanhas. Explicou também que todo o local era mantido com seguranças vinte e quatro horas por dia, porteiro na entrada e saída do cemitério, de modo que nenhum morto pudesse sair sem a devida identificação. E tinha mais, play-ground e piscina aquecida, com hidroginástica duas vezes por semana. Sala de musculação e ioga. Ah! E uma boatinha nos fins de semana, que ninguém é de ferro, certo? Certo. Concordei, já sentindo um formigamento na ponta dos dedos, aquele mesmo que sinto quando o pescoço do John está perto demais. O homem continuou sua explicação. Todos os "moradores" tinham seu próprio cartão magnético de abre e fecha a urna mortuária, aliás, segundo ele, um sistema ultra moderno. E, é claro, toda a infra-estrutura necessária, missas a qualquer hora do dia ou da noite, serviço de quarto, copa e lavanderia, canal privativo de televisão a cabo, inclusive com filmes pornô, uma exigência de John, pelo que soube. A tudo John assinalava com a cabeça e o polegar fazendo um sinal de "positivo". O sujeito me apresentou a conta e quem quase morreu fui eu. Botei o homem para fora de casa a safanões.

-Você está louco se pensa que eu vou usar todo o meu dinheiro para comprar um lugar absurdo desses para você! Gritei com John.

-Não precisa gastar dinheiro, Zé, eu mesmo já coloquei tudo no SEU cartão de crédito.

-Você ficou louco! Eu tornei a gritar perdendo de voz e a paciência.

-Eu louco? Só porque quero um lugar para descansar em paz? Perguntou John. -Você sabe que eu nunca pedi nada para mim... E agora, no momento do meu repouso final você quer me negar esse meu último desejo, meu último pedido.

-Repouso final? Você nunca trabalhou John, você passou a vida repousando e agora quer descansar? Disse gesticulando com ele, enquanto John tranqüilamente fazia ajustes na planta do seu futuro jazigo.

-Olhe para você Zé. Disse-me John. E eu senti que estava novamente a caminho de uma daquelas discussões. *-Você só pensa em dinheiro. Gente como você deveria nascer com uma abertura na cabeça para guardar moedas.*

-Eu não vou deixar você me convencer dessa vez John. Eu disse tentando acabar com aquela discussão.

-Sabe o que eu acho Zé, acho que pessoas como você deveria nascer com um teclado de cálculos no peito, um dispositivo de leitura ótica no "rabo", pra leitura de cartão de crédito, um leitor de código de barras na ponta do pênis e na boca uma saída pra saldo e cédulas.

Caro Jota, eu juro que fiquei pasmo, não conseguia emitir uma só palavra, de onde John tirara aquelas idéias?

-Você tem que se decidir se você é você ou o que seu dinheiro pode comprar. Por acaso o seu emprego compra o amor? Compra a lealdade, a amizade, o carinho? Quanto custa um abraço, uma afago, um beijo, me diga Zé? Será que o seu talão de cheques cobre um gesto de amizade, um sorriso? O dinheiro compra pedra, madeira e metal, Zé. Mas não compra sentimentos. Eu pergunto Zé, o que significa o seu salário diante da imensidão do Universo? Da sabedoria infinita de Deus? Dos vendedores de canga na praia? Dos grupos de afoxé da Bahia? Heim?Heim!!!!Você é nada!

Abatido confesso que cai sentado ali no sofá sem saber o que dizer.

*-Desculpe-me John.Pode pegar o dinheiro que precisar.*Eu estava abatido, John me fazia sentir um rato.

-Tudo bem Zé, eu vou fazer esse favor para você...apenas porque sou seu amigo. Está vendo esta sua carteira? Perguntou-me John erguendo-a.

-Sim, eu estou. Disse eu quase em prantos de vergonha.

- Eu vou livra-lo disto...Não, não me agradeça, eu só faço isso porque no fundo sinto que devo alguma coisa a você. Já sei, vou dar fim a esse dinheiro maldito. Liberte-se Zé! E ele me agarrou pelos ombros e sacudiu meu corpo inteiro.

-Sim! Eu gritei me pondo em pé.

-Diga Zé: "Eu odeio o dinheiro. Eu não seria escravo do dinheiro!" Gritou John como se pregasse para uma multidão. Para dizer a verdade, a voz dele lembrava um pastor.

-Sim! Eu gritei mais alto, já completamente tomado pela catarse de John.

-Vamos irmão! Livre-se daquilo que transforma você num escravo dos bens materiais!

-Sim.Sim, sim e sim!!!! Eu gritava, com os olhos quase pulando fora da cara e um sorriso enlouquecido me deformando a cara.

Gesticulando, John falava para uma platéia imaginária. E assim erguendo a minha carteira acima de sua cabeça, disse:

-É por isto que você vive, Zé? Gritou John.

-Siiiiimmmmmm!!! Disse entre dentes.-Salve-me, John!

E ele me salvou Jota, você nem pode imaginar o quanto. Só não sei como me salvar dos juros do cartão de crédito e dos cheques que John me fez assinar em branco enquanto me convencia que eu estava me livrando da causa da minha desgraça. Caro Jota, paro de escrever por aqui, somente porque o oficial de justiça esta pedindo para eu entregar o meu computador que foi penhorado pelas dívidas.Uma coisa é certa, John conseguiu me deixar mais leve, pois não fiquei nem com a roupa do corpo. Nada mais me resta, é o fim...ó vida...ó céus. Um forte e derradeiro abraço. ADEUS MUNDO CRUEL. Zé.

Caro Zé, Não me surpreende que as coisas estejam caminhando nessa direção. **John esteve aqui ontem à noite**. O pior foi que ele entrou antes de mim, por isso estou escrevendo este derradeiro e-mail de um CyberCafé, pago com meus últimos trocados, que fica em frente ao que, imagino, **era** o meu apartamento. John achou que tinha que modificar o ambiente para receber a imprensa no dia do seu assassinato. Falou tanto que acabou me convencendo. Explicou que haveria muitas entrevistas, algumas ao vivo, depoimentos, remake de sua vida, chamadas de ex-amigos e admiradores e "links" com as grandes redes de TV. Por esta razão ele chamou Ozzy Osborne, o gago, você sabe, é aquele amigo dele que, além de gago, trabalha num negócio de lanternagem, funilaria.Parece que ele o John ficaram amigos quando o John bateu o MEU carro e levou para o Ozzy, que na época era agricultor, plantava uma tal de erva medicinal, dar um jeitinho. E o Ozzy deu. Apenas uma batidinha no pára-choque e o carro virou perda total. O John recebeu o seguro do MEU carro e deu uma grana ao Ozzy. Desde então o Ozzy está no negócio de funilaria, só que ao contrário. No ano passado o John deu a ele uma marreta, Heavy Metal.O único problema é que quando usa a marreta, o Ozzy acerta o próprio cérebro (coisa que faz com freqüência) ou acerta alguma coisa na frente dele. Acho que o John deveria ter explicado melhor quando pediu que ele abrisse uma janela na minha casa. Talvez o Ozzy tivesse entendido melhor se ele dissesse: abra a janela

e não UMA JANELA! Tarde demais. O Ozzy abriu outra "janela" do lado da minha. Com um detalhe, duas vezes maior.

-É uma paisagem e tanto que você tem aqui agora Jota. Disse-me John, lutando para olhar sem sentir vertigem da rua lá embaixo.

-O...Oz Ozzy Go...Gosta. Disse Ozzy batendo com a marreta na própria testa.

-Escuta John, como é que o Ozzy encontra o cérebro dele nessa cabeça vazia? Perguntei ao John.

-Acho que ele tem o cérebro rastreado por satélite. Disse-me singelamente John e emendou: *-Bem, agora que já, digamos, "derrubamos as barreiras", acho que está na hora de ampliarmos nossos horizontes...*

-Mais? Eu disse olhando o tremendo buraco na minha parede.

-Veja pelo lado bom Jota.... Disse-me John enquanto Ozzy tentava acertar com sua a marreta uma mosca que entrara pelo buraco.

Bem, meu caro Zé, não é difícil concluir que eu fiquei sem ter onde morar, sem ter onde trabalhar, sem ter como ganhar meu salário, sem meu carro, sem meu telefone, sem nada...bem, eu pensava que podia contar com você, com sua ajuda meu amigo, mas diante desse quadro, acho que NÓS estamos no mesmo barco, furado, sem saber nadar, rumo ao abismo...é o fim pra mim também. Vou encerrar, pois, o atendente do CyberCafé está me dizendo que meu tempo de conexão se esgotou. Acho que ele tem razão, meu tempo nessa vida se esgotou mesmo. Estou totalmente falido, fudido e perdido. Adeus. JOTA

EPÍLOGO

MATAR É FÁCIL

DE COMO É DIFÍCIL SE LIVRAR DO CADÁVER.

...e esta é a última memória clara que me restou daquela noite, essa e a do Zé tentando limpar os dentes com aqueles palitos enormes e entalando um deles na garganta. Eu lembro de ter dado um tapa nas costas dele e ele desengasgou.Finalmente o palito desceu. Mas, desde então, o Zé faz visitas freqüentes ao médico de hemorróidas e não fala mais comigo.Isso não importa, são divagações de uma mente perturbada pelos acontecimentos. **Aquele que Fede** nos encontrou como o combinado. No lugar combinado. Eu levava uma faca. Zé levava um palito, o que sobrou do engasgo.**Aquele que Fede**, que

pudemos voltar a chamar novamente de John, estava lá. No meio daquela sujeira, de todo aquele lixo, do fedor, das carcaças, do lixo do mundo.Ele estava sentado fumando um dos seus cigarrinhos. John não demonstrou nenhuma surpresa.Nem mesmo quando dissemos por quê o atraímos àquele lugar.*"Morrer...matar? São só duas faces da mesma moeda.Aquele que mata também morre um pouco, porque um morto é algo que se carrega para sempre.Vitima e algoz se confundem,e um ou outro troca de lugar na história, conforme quem conta.*E afinal quem está vivo e quem está morto? *É por acaso vivo é aquele que respira, que vê a luz do sol, que anda e fala e assiste ao tempo passar,envelhece, adoece e é abandonado? Ou vivo é aquele que para ocupar um lugar na sociedade deixa matar seus sonhos,submete-se, corrompe-se, prostitui-se, mas alcança a felicidade e o ponto que projetou?Então, é preferível,ser dos vivos. Mas, se os mortos são os que nunca mais envelhecem, que não sucumbe mais às doenças,posto que já está morto,ou se são aqueles aos quais os lamentos do mundo não mais chegam aos ouvidos,o cheiro da podridão não ofende mais suas narinas, que tornou-se insensível às dores, que não chora mais, não sofre e não tem saudades, porque já não tem lembranças, então é preferível ser dos mortos.Vocês, meus amigos, pensam que cometem um crime por estarem conscientes de matar um homem...idiotas. Se soubessem quantos crimes cometemos por matar, de outras formas e, às vezes, sem nem sabermos, muitas outras pessoas que, sem vida, terão que atravessar o resto de suas existências, como zumbis, por nossa causa.São nossas vítimas. Matamos nossos pais quando abandonamos suas casas, matamos nosso passado quando esquecemos o que passamos, matamos nossas esposas, amantes, filhos e amigos.* ***"O homem mata aquilo que ama",*** *escreveu Oscar Wilde.Não. Não espero que vocês saibam quem ele foi. Vocês, pobres estúpidos da vida toda. Não. Serei mais justo: Vocês foram normais.O que não quer dizer melhores. E os normais devem, banir, destruir tudo o que foge a "normalidade". Não é lógico rebelar-se contra a lógica.Eu sou John, eu sou Mahatma Gandhi, eu sou Lennim, Mao Tse Tung, Kennedy, Che Guevara, Pompéia, Roma, Veneza, Paris, Londres, Rio e New York. Sou os pescadores da Indonésia, os Utus da África, os Sherpas dos Andes, os Morrajedim do deserto, os Mulás, os rabinos, os Bispos e os deuses indianos. Eu sou as torres de Galdi, a Fontana de Trevere, a catedral de Colônia, as Torres de Londres, as telas de Van Gogh, os traços de Picasso, as sombras de Goguim.A muralha da China, as pirâmides da Gizé, as termas de Caracalas, os Maias, os Incas, os Mongóis, os Negros...Eu sou o vício e a virtude, o medo e a coragem, tudo e nada, luz e sombra...eu sou aquilo que eu sou.Em resumo, vida!.*John disse todas aquelas palavras de tal modo e com tal sentimento, que quase nos pusemos a fraquejar em nossa intenção.Por pouco não cortei a própria garganta e o Zé não enfiou o palito no cú.

-Você entende que precisamos fazer, não entende, John? Disse Zé.John não respondeu, apenas gesticulou que sim com a cabeça

e soltou uma baforada longa, havia feito um novo cigarrinho com o que catara daquele lixo.

-Nós não queremos lhe fazer mal, John, mas você está confundindo todo mundo. As pessoas já não sabem mais quem são. Antes de você aparecer em nossas vidas, todos sabíamos o que tínhamos que fazer. A nossa vida era medíocre mas era a nossa vida. Estávamos felizes com ela.E porque não questionamos a felicidade,éramos felizes. Mas então, você chegou. Falando coisas que faziam a gente pensar, pior, faziam a gente ter consciência da nossa falsa alegria, da mentira da felicidade.Eu disse.

-Você fez tudo parecer tão fácil que começou a dar "nós" na nossa cabeça. Todos precisamos das dificuldades John. A vida fica estúpida se olharmos com tolerância e alegria para tudo. É incrível, mas precisamos da infelicidade, precisamos dos fracassos, precisamos dos momentos de tristeza para encontrar uma razão na vida.Até Deus perde o sentido, sem as dificuldades. Disse Zé, apertando o palito...ainda nas mãos.

-Eu sei.Disse John sem virar o rosto para nós.*-A razão da existência humana está em superar obstáculos, vencer limitações, competir, enganar, conquistar. Sempre*.

Zé e eu nos aproximamos dele.John não esboçou nenhuma defesa. Zé levantou o palito chinês ameaçadoramente, eu empunhei a faca de cortar pão ainda suja de manteiga, a única coisa mais parecida com uma arma que eu tinha.Fomos na direção dele.

-Ou você faz sozinho ou nós vamos ter que faze-lo. Disse encarando John.

-Torne as coisas mais fáceis para nós. Não resista. Estamos dispostos a tudo. Não queríamos que terminasse assim,John,mas você não respeitou os limites. Disse Zé e o palito já estava em posição de ataque.

-Está bem. Disse John.*-Sé é isso que vocês querem, aqui me tem.* E abriu os braços e as pernas, com o rosto voltado para o céu, como um Cristo moderno, entregando-se ao seu destino.-*Venham, covardes! Tirem de mim o que me pertence.Eu não lutarei.Eu não gritarei.venham!* ***"Cansado de tudo invoco a paz da morte." *(***SHAKESPEARE).

Foi tudo que me lembro e quando falamos da última vez, Zé e eu, também ele só se recordava desse momento.Avançamos com nossas armas sobre ele, sem piedade, e arrancamos dele o que lhe era mais precioso, as nossas chaves.Cada um de nós pegando a chave do que restou, se é que restou, de seu apartamento. Corremos dali sem olhar para trás. Apenas o grito de John, agudo, sofrido, ficou atrás de nós, mas não nos voltamos.Logo depois, um caminhão de lixo passou por nós e foi na direção de John. Foi a última vez que o vimos. Zé voltou para casa e eu

também, lavamos nossos corpos e nossas roupas, limpando qualquer vestígio que nos incriminasse. Ainda agora, mesmo depois de ter, à custa de muita privação, recomeçado minha vida, quando chego em casa, sinto muito medo. Várias noites acordei suando frio para depois, correndo até a geladeira, me certificar que a comida ainda estava lá. O Zé faz terapia, às noites parece que chora, não sei se de alegria ou se pelos prejuízos que tomou. Mas, exceto pelos pesadelos, em que ele se vê apertando o botão do porteiro eletrônico e John subindo até sua porta, tudo vai bem.O que foi escrito aqui é verdade. Sentimos muita culpa ainda, além de muita azia pelos sucos de laranja e o Zé muito desconforto pelo palito chinês, mas tudo está passando.Se você teve a coragem de ler estas páginas até agora, lembre-se: John, está por aí.E isso faz de você uma vítima em potencial. Tranque bem as portas e não atenda ao porteiro eletrônico no meio da noite.

FIM – OU MELHOR, ATÉ DE REPENTE.